

DOCUMENTO ORIENTADOR

EDUCAÇÃO INCLUSIVA NAS ESCOLAS DA REDE SESI



SESI

Serviço Social da Indústria

PELO FUTURO DO TRABALHO

EDUCAÇÃO INCLUSIVA NAS ESCOLAS DA REDE SESI

DOCUMENTO ORIENTADOR

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA – CNI

Robson Braga de Andrade
Presidente

Gabinete da Presidência

Teodomiro Braga da Silva
Chefe do Gabinete - Diretor

Diretoria de Educação e Tecnologia - DIRET

Rafael Esmeraldo Lucchesi Ramacciotti
Diretor de Educação e Tecnologia

Serviço Social da Indústria - SESI

Vagner Freitas de Moraes
Presidente do Conselho Nacional

SESI – Departamento Nacional

Robson Braga de Andrade
Diretor

Rafael Esmeraldo Lucchesi Ramacciotti
Diretor-Superintendente

Paulo Mól Júnior
Diretor de Operações

Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - SENAI

Robson Braga de Andrade
Presidente do Conselho Nacional

SENAI – Departamento Nacional

Rafael Esmeraldo Lucchesi Ramacciotti
Diretor-Geral

Julio Sergio de Maya Pedrosa Moreira
Diretor-Adjunto

Gustavo Leal Sales Filho
Diretor de Operações

Instituto Euvaldo Lodi – IEL

Robson Braga de Andrade
Presidente do Conselho Superior

IEL – Núcleo Central

Paulo Afonso Ferreira
Diretor-Geral

Eduardo Vaz da Costa Junior
Superintendente



CENTRO SESI DE FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO

EDUCAÇÃO INCLUSIVA NAS ESCOLAS DA REDE SESI

DOCUMENTO ORIENTADOR

**Brasília
2023**

© 2023. SESI – Departamento Nacional

Qualquer parte desta obra poderá ser reproduzida, desde que citada a fonte.

SESI/DN

Gerência Executiva de Educação

FICHA CATALOGRÁFICA

S491e

Serviço Social da Indústria. Departamento Nacional.

Educação inclusiva nas escolas da rede SESI / Serviço Social da Indústria. – Brasília : SESI/DN, 2023.

83 p. : il.

1. Educação Inclusiva. 2. Escolas SESI. I. Título

CDU: 376

SESI

Serviço Social da Indústria

Departamento Nacional

Sede

Setor Bancário Norte

Quadra 1 – Bloco C

Edifício Roberto Simonsen

70040-903 – Brasília – DF

<http://www.portaldaindustria.com.br/sesi/>

Serviço de Atendimento ao Cliente -

SAC

Tels.: (61) 3317-9989 / 3317-9992

sac@cni.com.br

APRESENTAÇÃO

A educação inclusiva, respaldada pela legislação nacional e por recomendações dos organismos internacionais, como a Convenção da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, é uma prerrogativa legal e política amplamente reconhecida. Essa convenção histórica – o primeiro tratado abrangente de direitos humanos do século 21 – garante o acesso aos direitos fundamentais das pessoas com deficiência, tornando-as sujeitos ativos na sociedade.

Essas normas levam ao dever ético e legal de matricular todas as pessoas com deficiência, transtornos do espectro autista e altas habilidades ou superdotação nas escolas regulares, tanto públicas quanto privadas. Além da matrícula, as regras estabelecem a necessidade de garantir a acessibilidade nas escolas, proporcionando condições adequadas à participação e ao aprendizado dos estudantes. Essa abordagem visa corrigir as desigualdades sociais e assegurar o direito à educação para todos.

Em conformidade com esses princípios, apresentamos a todas as escolas da Rede SESI este documento orientador. O objetivo é estabelecer diretrizes, em consonância com os dispositivos legais que estruturam a política de educação inclusiva no Brasil, para que professores, gestores e toda a comunidade de profissionais da rede possam desenvolver práticas educacionais inclusivas na sala de aula e na gestão.

Além dessas diretrizes, o SESI oferecerá um conjunto de ações e processos formativos. Como rede de ensino responsável pela formação de estudantes de 514 escolas de educação básica, a intenção é dar concretude e fortalecer sua missão de “promover a educação para o desenvolvimento humano, ampliando oportunidades para melhoria dos padrões de vida dos trabalhadores da indústria, seus dependentes e sociedade em geral”.

Desejamos que este documento seja lido por toda a comunidade educacional da Rede SESI e que se traduza, juntamente com as demais ações, em instrumento de reflexão sobre a prática docente e os princípios educacionais inclusivos a serem seguidos. Assim, poderemos garantir uma escola acolhedora, fundada nos valores da compreensão, da solidariedade e da crença no potencial de cada pessoa.

Robson Braga de Andrade
Presidente da CNI

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 CONTEXTUALIZAÇÃO SUMÁRIA DA REALIDADE DAS ESCOLAS DO SESI. O QUE NOS DIZEM OS GESTORES E PROFESSORES?	11
3 PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA	17
3.1 Educação é direito humano	19
3.2 Educação Inclusiva significa combater a exclusão	19
3.3 Educação Inclusiva significa celebrar as diferenças humanas. “SOMOS INCLASSIFICÁVEIS”	20
3.4 A educação Inclusiva não diz respeito somente às Pessoas com Deficiência, Transtornos do Espectro Autista e/ou Altas Habilidades/Superdotação	21
4 A TEORIA NA PRÁTICA	22
5 ESCOLA NÃO PREPARADA? PROFESSORES NÃO PREPARADOS?	24
6 UMA PALAVRA SOBRE SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS	27
7 DIRETRIZES DO SESI PARA A IMPLEMENTAÇÃO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA, TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E/OU ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO	30
REFERÊNCIAS	35
GLOSSÁRIO	37
ANEXO A - RELAÇÃO DE PRODUTOS DE TECNOLOGIA ASSISTIVA DISPONÍVEIS NO LABORATÓRIO DE TA DA ASSISTIVA	40
ANEXO B - FORMULÁRIO DE ANAMNESE PARA A MATRÍCULA/REMATRICULA	55
ANEXO C – ENTREVISTA PARA ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA (EI, EF1 – 3 A 11 ANOS)	62
ANEXO D – ENTREVISTA PARA ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA (EF2, EM, NEM, EJA)	68
ANEXO E - FORMULÁRIO DE ACOMPANHAMENTO DO ESTUDANTE PÚBLICO-ALVO DA DIRETRIZ	71



INTRODUÇÃO

A educação inclusiva, respaldada pelos dispositivos normativos nacionais e pelas recomendações dos organismos internacionais, como a Convenção da ONU sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, é uma prerrogativa legal e política amplamente reconhecida. Essa convenção histórica, sendo o primeiro tratado abrangente de direitos humanos do século 21, garante o acesso aos direitos fundamentais das pessoas com deficiência, tornando-as sujeitos ativos na sociedade.

A partir dessas referências normativas, surge a obrigação ética e legal de que todas as pessoas com deficiência, Transtornos do Espectro Autista (TEA) e Altas Habilidades/Superdotação sejam matriculadas nas escolas regulares, tanto públicas quanto privadas. Além da matrícula, essas normas estabelecem a necessidade de garantir a acessibilidade nas escolas, proporcionando condições adequadas para a participação e aprendizado desses estudantes. Essa abordagem visa corrigir as desigualdades sociais e garantir o direito à educação para aqueles segregados por não se enquadrarem nos padrões estabelecidos pelas instituições educacionais.

Em consonância a estes princípios e orientações estamos apresentando a todas as escolas da Rede SESI este Documento Orientador, cujo objetivo é estabelecer diretrizes, em consonância com os dispositivos legais que estruturam a política de educação inclusiva no Brasil, para que professores, gestores e toda comunidade de profissionais da rede SESI possam desenvolver práticas educacionais inclusivas no âmbito da sala de aula e dos processos de gestão.

Além destas diretrizes, o SESI estará oferecendo um conjunto de ações e processos formativos para poder, enquanto rede de ensino responsável pela formação de 308.810 mil estudantes em educação básica, (segundo dados da UNIEDUCA, de outubro de 2022) dar concretude e fortalecer, ainda mais, a sua missão de “promover a educação para o desenvolvimento humano, ampliando oportunidades para melhoria dos padrões de vida dos trabalhadores da indústria, seus dependentes e sociedade em geral”.

Desejamos que este Documento possa ser lido por toda a comunidade educacional da Rede SESI e que se traduza, juntamente com as demais ações, em instrumento de reflexão sobre a prática docente e os princípios educacionais inclusivos a serem seguidos, para a garantia de uma escola acolhedora, fundada nos valores da compreensão, da solidariedade e da crença no potencial de cada pessoa.



**CONTEXTUALIZAÇÃO
SUMÁRIA DA REALIDADE DAS
ESCOLAS DO SESI.
O QUE NOS DIZEM OS
GESTORES E PROFESSORES?**

Para a elaboração deste documento; EDUCAÇÃO INCLUSIVA NAS ESCOLAS DA REDE: DOCUMENTO ORIENTADOR, realizamos um estudo abrangente visando conhecer a realidade das escolas e sua implementação da educação especial na perspectiva inclusiva. Utilizamos diferentes métodos de coleta de dados, como visitas presenciais, entrevistas virtuais e questionários enviados aos gestores dos DRs nas cinco regiões do Brasil, além de análise documental. Obtivemos um total de 1.061 respostas, representando 11,7% dos educadores da rede SESI¹. Com isso, buscamos traçar o diagnóstico acerca da realidade das escolas do SESI com relação a concepções, conhecimentos e organização das práticas pedagógicas em atendimento aos dispositivos legais e políticos que orientam para a implementação da educação especial na perspectiva da educação inclusiva nas escolas brasileiras. A seguir, apresentamos – sumariamente - e, a título de ilustração, um panorama da realidade constatada².

A partir do estudo realizado, constatou-se que **a maioria das escolas da rede SESI já possui experiências educacionais inclusivas**. Foi possível observar um conjunto de práticas pedagógicas e experiências genuínas realizadas pelos professores em cada escola, abrangendo diferentes regiões e estados do Brasil. Essas experiências levam em consideração as especificidades de cada contexto, explorando potencialidades e enfrentando desafios que podem dificultar o desenvolvimento da educação inclusiva. A rede de escolas do SESI demonstra estar em constante movimento, buscando conhecer e implementar os dispositivos legais e normativos que promovem a transformação em escolas acolhedoras para todos os estudantes, incluindo aqueles que são o público-alvo da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (MEC; BRASIL, 2008): Pessoas com Deficiência, Transtornos Globais de Desenvolvimento³ e Altas Habilidades/Superdotação.

Verificamos que **alguns DRs já estão em fase de elaboração de documentos orientadores sobre a educação inclusiva**, a exemplo do DR Espírito Santo, que desenvolveu o documento "Diretrizes da Educação Inclusiva para a Rede SESI de Educação Básica DR/ES", visando estabelecer diretrizes de atuação consistentes para as

¹ Para entendermos a representatividade desta amostra, que pode à princípio parecer ínfima, é importante informar que cada gestor de cada DR representa o universo de sua rede estadual. Deste modo, temos, por meio dos instrumentos de coleta de informações utilizados, a representatividade de todas as regiões e estados brasileiros.

² O resultado deste estudo, na íntegra, resultou em dois relatórios técnicos entregues à Gerência do Centro SESI de Formação em Educação, em novembro e dezembro de 2022, respectivamente.

³ Conserva-se aqui a terminologia Transtornos Globais de Desenvolvimento (TGD), por ser a terminologia utilizada em 2008, no momento da escrita do documento a que fazemos referência: Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva Inclusiva. Contudo, a partir de maio de 2019 a terminologia correta passou a ser Transtorno do Espectro Autista (TEA), como resultado da 11ª revisão da CID, lançada pela ONU.

escolas da rede. Essas diretrizes visam orientar a organização, articulação e estratégias de atendimento inclusivo nas escolas, buscando garantir a inclusão de todos os estudantes.

Nosso olhar, ao buscar entender a realidade das escolas, tomou como parâmetro, alguns elementos (pilares) que consideramos estruturantes para a organização da educação especial na perspectiva inclusiva, a saber: Informações/conhecimentos prévios e concepção sobre a educação inclusiva; estruturação/implementação da educação inclusiva, no tocante a condições de acessibilidade em seu amplo espectro (física, atitudinal, pedagógica, nas comunicações); processos formativos (formação inicial e continuada em educação inclusiva); estruturação de rede de apoio à inclusão (intersectorialidade, parcerias com saúde, assistência, entre outros, relação com a família e comunidade) e; organização dos processos de gestão para a implementação da educação inclusiva.

Com relação às INFORMAÇÕES/CONHECIMENTOS PRÉVIOS E CONCEPÇÃO SOBRE A EDUCAÇÃO INCLUSIVA, todas as escolas examinadas apresentam informações e compreensão sobre o assunto o que é justificado pelo avanço dos dispositivos legais e políticos que promovem a transformação dos sistemas educacionais em sistemas inclusivos, tanto no Brasil como internacionalmente, desde a década de 1990.

Ademais, as iniciativas como a Convenção da ONU dos Direitos das Pessoas com Deficiência (ONU, 2006), a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva Inclusiva da Educação Inclusiva (BRASIL; MEC, 2008) e a Lei Brasileira de Inclusão (BRASIL, 2015) impulsionam esse movimento. Embora ainda existam fragilidades e eventuais equívocos nos princípios filosóficos e no desenvolvimento teórico, legal e conceitual que fundamente a implementação da educação inclusiva, essas lacunas tendem a ser reduzidas com a busca contínua por conhecimento e o acúmulo de saberes por meio da experiência. É importante salientar que não existe um "pronto" definitivo nem "modelos" fixos para a implementação da educação inclusiva nas escolas.

Para ilustrar o que estamos chamando de “fragilidades ou algum equívoco” aponto duas situações: público-alvo da educação especial e oferta do AEE no contraturno da escolarização.

Com relação ao **público-alvo da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEPEI, 2008)**, ou seja, aqueles estudantes que devem receber o atendimento educacional especializado (AEE), o aporte legal e político de que dispomos não deixa dúvidas: Pessoas com Deficiência (física, auditiva, visual, intelectual/mental, múltipla), Transtornos do Espectro Autista (TEA) e/ou

Altas Habilidades/Superdotação. Esta definição resultou de um estudo profundo de um grupo de trabalho composto por professores-pesquisadores, especialistas da educação especial, que foram nomeados pela Portaria Ministerial nº 555, de 5 de junho de 2007, prorrogada pela Portaria nº 948, de 09 de outubro de 2007, para elaborar a PNEEPEI. A Comissão tomou como parâmetro para a definição do público-alvo a seguinte questão: a quem o arcabouço teórico e conceitual da área da educação especial pode beneficiar? Deste modo, demais estudantes, que apresentem dislexia, TDAH, transtornos socioemocionais, dificuldades de aprendizagem, entre outros, precisam ser atendidos pela escola, em suas especificidades, mas não pelos serviços de educação especial, diretamente.

Quanto a oferta do AEE no contraturno da escolarização, este é um princípio estruturante na organização da educação inclusiva para os estudantes que são público-alvo da PNEEPEI. Esta orientação encontra respaldo nos dispositivos legais e políticos que orientam a organização de sistemas educacionais inclusivos. Em especial a PNEEPEI, que afirma:

Em todas as etapas e modalidades da educação básica, o atendimento educacional especializado é organizado para apoiar o desenvolvimento dos estudantes, constituindo oferta obrigatória dos sistemas de ensino. **Deve ser realizado no turno inverso ao da classe comum** (Grifo nosso), na própria escola ou centro especializado que realize esse serviço educacional. (MEC; SEESP, 2008).

Sustenta esta orientação o entendimento teórico e conceitual de que o AEE é complementar ou suplementar à escolarização, nunca substitutivo e, sendo assim, o estudante não pode ser retirado da sala de aula comum, no horário destinado à escolarização, para receber este atendimento.

Deste modo, com relação às duas questões colocadas acima – **público-alvo e AEE no contraturno da escolarização** - toda vez que estudantes que não constituem público-alvo da PNEEPEI estejam recebendo AEE e que este atendimento não esteja sendo realizado no turno oposto ao da escolarização, esta prática estará em desacordo com os marcos filosóficos, legais e políticos que orientam a implementação da educação especial na perspectiva da educação inclusiva.

No que diz respeito às condições de ACESSIBILIDADE em seu amplo espectro (física, atitudinal, pedagógica, nas comunicações), é possível notar um desenvolvimento bastante proeminente na maioria das escolas pesquisadas. Especificamente em relação à acessibilidade física, a maioria das escolas possui rampas, banheiros adaptados, pisos táteis, bebedouros adaptados, elevadores acessíveis e mobiliários adaptados para estudantes canhotos, obesos e usuários de cadeira de rodas. Além

disso, foram observadas pracinhas e espaços de lazer e demais dependências também acessíveis.

No entanto, quanto à utilização de TECNOLOGIA ASSISTIVA (TA) no trabalho docente, a pesquisa revelou que 58% dos professores entrevistados não possuem conhecimentos sobre TA e, conseqüentemente, apenas 28% deles já utilizaram recursos de TA no trabalho pedagógico com estudantes com deficiência. Essa informação sinaliza a necessidade de uma ação pontual nesse sentido, pois a utilização da TA no trabalho pedagógico com esse alunado possibilita condições para que eles acessem o currículo com maior segurança e autonomia.

Especificamente no tocante a FORMAÇÃO EM PÓS-GRADUAÇÃO na área específica de educação especial inclusiva, observou-se um déficit na formação, já que apenas 12% dos professores informaram possuir formação específica. O dado sinaliza para a necessidade de estruturação de uma política institucional que estabeleça metas de formação específica no âmbito da pós-graduação (Lato e/ou Stricto Sensu).

Entretanto, quanto aos DEMAIS PROCESSOS DE FORMAÇÃO CONTINUADA em educação especial e/ou inclusiva (participação em cursos, palestras, seminários, oficinas, etc.), é possível observar um dado bastante positivo, em que 88% dos professores já participaram de algum processo de formação continuada, ou seja, já tiveram contato, em alguma medida, com os fundamentos conceituais, legais, históricos e pedagógicos da educação inclusiva. Esse processo formativo, que se dá em serviço, é fundamental para que os(as) professores possam suplantar uma visão instrumental dos processos formativos e entendê-los em sua multiplicidade, numa perspectiva de continuidade e processo.

Interrogamos, também, sobre a EXPERIÊNCIA COM EDUCAÇÃO INCLUSIVA (ter estudantes com deficiência, TEA e/ou Altas Habilidades/Superdotação em suas salas de aula), e obtivemos um dado bastante relevante: 81% dos professores estão vivenciando - ou já vivenciaram - a experiência da educação inclusiva. O cruzamento desta informação, com outra, sobre o tempo de atuação na docência, revela que - em sua maioria - os respondentes já possuem certa maturidade profissional devido aos saberes da experiência acumulados ao longo dos anos de exercício da docência.

A partir do estudo realizado, torna-se evidente que a educação inclusiva de Pessoas com Deficiência, Transtornos do Espectro Autista e Altas Habilidades/Superdotação nas escolas da rede SESI está em processo de desenvolvimento. No entanto, **é necessário clarificar conceitos, estabelecer papéis, instituir redes de apoio, parcerias e**

intersetorialidades. Os elementos complexos da educação inclusiva, como formação de professores, gestão, acessibilidade física, pedagógica, atitudinal, nas comunicações e nas políticas, bem como a parceria com a família e a comunidade, são grandes eixos que requerem estudos e ações consensualizadas com o coletivo das escolas.

A pesquisa que permitiu apresentar aqui o estudo resumido foi realizada entre os meses de outubro e novembro de 2022. Embora as informações possuam atualidade histórica, destacamos a importância de um processo contínuo de acompanhamento e monitoramento da implementação da educação inclusiva nas escolas do SESI, visto que a realidade é dinâmica e qualquer projeto ou ação a ser estruturada deve levar em conta tanto o acúmulo de experiência quanto a realidade presente.



3

**PRINCÍPIOS DA
EDUCAÇÃO
INCLUSIVA**



O termo “princípio” costuma designar um conjunto de normas, leis, que dão origem (existência) a determinado fato ou fenômeno. E, ao dar existência àquele “fato ou fenômeno”, passam a orientar toda a sua existência. Em uma perspectiva filosófica, a palavra princípio é usada de forma metafórica, referindo-se a uma ordem ideal, e não a uma sucessão real. (BUNGE, 2002).

Quando falamos em “princípios norteadores da educação especial na perspectiva da educação inclusiva” nós estamos falando dos grandes alicerces legais, mas - muito mais que isso – epistemológicos, filosóficos, conceituais, que servirão como base para a estruturação de escolas inclusivas.

Falar sobre este assunto – princípios da educação inclusiva - é muito simples – já que remete a um preceito universal e direito inalienável de educação para todos, mas, também, é extremamente complexo e delicado, uma vez que, até hoje, a humanidade tem dificuldade para entender as diferenças humanas e considerar que elas são a riqueza que garante a nossa existência na terra.

Ao longo da história da civilização, podemos observar a presença de pessoas que, por serem consideradas "diferentes", despertavam sentimentos contrastantes e contraditórios. Na Antiguidade, duas atitudes prevaleciam em relação aos doentes, idosos ou deficientes: uma de "aceitação", "tolerância" e "piedade"; a outra, majoritária, de menosprezo e eliminação. A história, marcada por avanços e retrocessos, revela que a trajetória não é linear, mas sim repleta de transformações ao longo do tempo.

Apesar dos retrocessos ao longo da história, o Renascimento marca um avanço significativo na forma como as pessoas com deficiência são percebidas. Com o desenvolvimento cultural, artístico, científico e político, o pensamento europeu começa a abandonar a ignorância e a rejeição, abraçando o conhecimento e a consciência dos direitos humanos. A inclusão social, escolar e o reconhecimento das diferenças humanas passam a ser temas cada vez mais discutidos, especialmente no contexto educacional, onde as práticas pedagógicas se fundamentam em princípios que consideramos essenciais para a educação inclusiva. A seguir, destacamos alguns desses princípios.

3.1 Educação é direito humano

A educação inclusiva é um processo mundial, que se intensificou a partir da década de 1990 com a Conferência Educação para Todos, realizada pela UNESCO, em Jomtien, Tailândia. A partir da Conferência, nosso País passou a implementar a política de educação inclusiva, que se assenta na construção de uma consciência crítica acerca dos direitos das pessoas com deficiência.

Acima de tudo, é preciso que se tenha em mente que a educação é um direito humano, portanto, é de toda pessoa, independente de raça, condição social, religião, situação de deficiência etc.

Isso significa que nenhuma criança, ou jovem com deficiência pode ter sua matrícula negada em função da situação de deficiência. Todas as escolas precisam abrir suas portas a todos os estudantes e promover as reformas necessárias para garantir participação e aprendizagem. Não existe, nesta perspectiva, “a professora da inclusão”, nem tampouco, “os estudantes da inclusão”, porque a escola é inclusiva para todos que a acessarem, com ou sem deficiência, portanto, todos os professores de todas as escolas são “professores da inclusão”, bem como todos os estudantes são, igualmente, “estudantes da inclusão”. Ou acaso, um estudante que chega na escola, transferido de outra escola, de outro estado, ou até mesmo outro país, que vem de outra cultura, com outra linguagem, não precisará ser incluído?

3.2 Educação Inclusiva significa combater a exclusão

Por muito tempo pessoas com deficiência não foram reconhecidas em sua capacidade de aprender, se relacionar, inserir-se no mundo do trabalho, viver de forma autônoma e produtiva. Hoje se sabe que **não é a situação de deficiência, em si, que limita a pessoa, mas as barreiras de toda ordem**, e essas barreiras começam a ser superadas, à medida que a inclusão avança.

Desse modo, toda vez que combatemos a exclusão na escola, seja na sala de aula, seja nos corredores, nos espaços de convivência, na pracinha de brinquedos, nos banheiros, na cantina etc.; estamos construindo educação inclusiva. Isso posto, estudantes, que são pessoas com deficiência, TEA e/ou Altas Habilidades/Superdotação, têm que ter acesso ao currículo integralmente, sem recortes de conteúdos, ou simplificações, a partir de um juízo *a priori* e equivocado, de que pessoas com deficiência não são capazes de aprender! O que a escola precisa oferecer é uma diversificação metodológica e de recursos de acessibilidade, para que todos os estudantes tenham condições de acessar ao currículo e aprender.

3.3 Educação Inclusiva significa celebrar as diferenças humanas. “SOMOS INCLASSIFICÁVEIS”

A prática da educação inclusiva implica que o professor reavalie seu planejamento, revitalize sua prática e, acima de tudo, reconsidere a concepção que orienta sua atuação. Uma abordagem educacional inclusiva valoriza a diversidade dos modos de aprendizagem, reconhecendo que cada indivíduo possui uma história, ritmo, estilo de aprendizagem e traços de personalidade que o tornam único, independente de ter ou não deficiência, TEA ou Altas Habilidades/Superdotação. Ao acolher essas diferenças na sala de aula, cria-se a "chave" para que os estudantes se sintam verdadeiramente incluídos.

Diante disso, nos filiamos ao pensamento de Batista (2012), ao expressar o posicionamento de que nenhum processo de inclusão vale a pena ou faz sentido, se não comportar espaço para o particular, o singular, implicando, assim, na “igualdade de direitos para sujeitos desiguais”. Transpondo essa reflexão para os processos de ensinar e aprender, reconhecer as diferenças humanas é, portanto, promover diversificações pedagógicas e metodológicas para que o estudante que é uma pessoa surda, cega, que possui deficiência intelectual, surdocegueira, deficiência múltipla, TEA, Altas Habilidades/Superdotação, ou que simplesmente não tenha deficiência alguma, mas enfrenta dificuldades com relação ao aprendizado de determinados conteúdos, tenha condições de participação e aprendizado, para assegurar que ninguém se sinta excluído do processo educacional.

Neste momento convido vocês a interromperem a leitura para ouvir a canção “Inclassificáveis” de autoria do compositor e poeta Arnaldo Antunes, interpretada por Ney Matogrosso. Para ouvi-la acesse o [link](#)⁴. A letra da canção retrata um povo misturado, mestiço, sem classificação racial definida ou “fechada”, que pode ser tudo ao mesmo tempo, expressando, de forma direta, um modo de enxergar as relações entre as pessoas e a formação do povo brasileiro. No refrão: “somos o que somos, inclassificáveis” está um dos princípios da inclusão, que é justamente o reconhecimento da singularidade humana: somos inclassificáveis, não cabemos em rótulos que a sociedade moderna tenta impingir a nós.

Ainda, a título de ilustração, Carl Rogers, em um fragmento de sua obra “Um jeito de ser”, talvez nos apresenta uma das melhores traduções da diferença, enquanto condição humana que escapa a qualquer tentativa de classificação: vejamos o que ele diz:

⁴ MATOGROSSO, Ney. **Inclassificáveis**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sMrLDzSIjn8>. Acesso em: 02 jul. 2023.

[...] Um dos sentimentos mais gratificantes que conheço - e também um dos que mais oferecem possibilidades de crescimento para a outra pessoa - advém do fato de eu apreciar essa pessoa do mesmo modo como aprecio um pôr-do-sol. As pessoas são tão belas quanto um pôr-do-sol quando as deixamos ser. De fato, talvez possamos apreciar um pôr-do-sol justamente pelo fato de não o podermos controlar. Quando olho para um pôr-do-sol, [...] não me ponho a dizer: “Diminua um pouco o tom do laranja no canto direito, ponha um pouco mais de vermelho púrpura na base e use um pouco mais de rosa naquela nuvem”. Não faço isso. Não tento controlar um pôr-do-sol. Olho com admiração a sua evolução.

(Rogers, 1987)

Então o direito de todas as crianças ao ensino, se funda no respeito a singularidade humana, “somos o que somos, inclassificáveis”, e o modo de ver o aluno, o modo de ensinar, de avaliar a aprendizagem, precisa considerar isso. Do mesmo modo que não conseguimos “controlar um pôr-do-sol” devemos ficar o mais distante possível de qualquer tentativa de classificação, rotulação, padronização de processos educativos.

3.4 A educação Inclusiva não diz respeito somente às Pessoas com Deficiência, Transtornos do Espectro Autista e/ou Altas Habilidades/Superdotação

Embora o propósito da educação inclusiva não seja a qualidade do ensino e, sim, o cumprimento do direito inalienável à educação, uma das maiores qualidades da inclusão escolar é que ela qualifica o trabalho pedagógico e todos saem ganhando. Quando o professor diversifica sua metodologia, por exemplo, suas aulas se tornam mais interessantes e todos os estudantes sentem-se mais motivados para aprender.

Toda vez que, sob a esteira da “educação inclusiva”, um professor agir - exclusivamente - pensando na pessoa com deficiência, Transtornos do Espectro Autista (TEA) e/ou altas habilidades/superdotação, ele estará agindo na contramão dos princípios da educação inclusiva. Só existe um lugar onde deve ser pensado o “especial” da educação inclusiva, mais especificamente: “o que aquele tipo de deficiência, naquela pessoa específica” requer de acessibilidade para que ela tenha asseguradas as condições de participação e aprendizagem” e este espaço é onde se realiza o atendimento educacional especializado, comumente, a sala de recursos multifuncionais. Nos demais espaços da escola, na sala de aula, na biblioteca, no refeitório, nos espaços de lazer, a inclusão deve ser estruturante do *Modus operandi* de todos e “para todos”.



A TEORIA NA PRÁTICA



A partir desses princípios da educação inclusiva, e tantos outros que pode ter lhe vindo a mente, afinal, é você, que é gestor, que está na sala de aula, que sente e dimensiona melhor os impactos da “reforma no pensamento e nas práticas educacionais que a educação inclusiva exige”, responda os questionamentos a seguir, eles lhe ajudarão a reconhecer se as práticas desenvolvidas na sua escola - ou nas escolas que você conhece – estão, ou não, fundamentadas nos princípios da educação inclusiva. Então vamos refletir:

- Quais princípios da educação inclusiva – dos vistos acima - são promovidos nas escolas que conhecemos ou trabalhamos? Se algum (ou alguns) não são cumpridos ou são parcialmente cumpridos, quais são as razões para isso?
- Existem outros princípios não mencionados acima que você considera importante? Que princípios são estes?

Ao responder aos questionamentos você terá a oportunidade de refletir sobre a realidade da sua instituição de ensino, da sua sala de aula e das escolas na totalidade. Este exercício deve servir para você pensar sobre: a escola que temos, a escola que queremos e, como aproximar a escola que temos da escola que queremos.

Quando falamos em educação inclusiva, as primeiras questões que vêm à mente dos professores é: mas como se ensina uma pessoa com deficiência? Que metodologia? Que avaliação? Como fazer? E, sempre - ou quase sempre - a afirmação: “a escola não está preparada”, “eu não estou preparada”. Vamos falar sobre isso?



**ESCOLA NÃO PREPARADA?
PROFESSORES NÃO PREPARADOS?**

Por muitas vezes vimos na imprensa e nas redes sociais a informação de que escolas, tanto da rede pública quanto privada, contestam a obrigatoriedade de oferecer matrícula e assegurar escolarização aos estudantes público-alvo da Política de Educação Especial na Perspectiva Inclusiva. A alegação recorrente é de que a escola comum regular, pública ou privada, não está preparada para receber todos os estudantes com deficiência, TEA e/ou Altas Habilidades/Superdotação, e que esse “preparo” acarreta ônus de sobrecustos para as instituições de ensino. Outra razão para a não aceitação resulta de um imaginário empobrecido e sem nenhuma sustentação no conhecimento científico, de que estes estudantes, mais especificamente os com deficiência, não são capazes de aprender, nem tampouco de se constituírem enquanto sujeitos de direito com relação à condução de suas próprias vidas.

A rejeição dos estudantes com deficiência, justificada de diferentes formas, reflete a influência dos processos de estigmatização e preconceitos sociais, os quais se tornam poderosos mecanismos de exclusão para muitas pessoas. Essas diferenças marcantes desafiam nossa identidade como professores e gestores. Algumas dessas diferenças podem ser incorporadas de maneira mais simples pelos educadores e gestores, sem a necessidade de promover mudanças profundas em suas práticas pedagógicas. Refiro-me a uma criança com um ritmo um pouco mais lento que as demais crianças, ou com uma dificuldade de aprendizagem em alguma área específica, entre outros. Porém, a entrada de uma criança com cegueira, surdez, deficiência intelectual, TEA ou Altas Habilidades/Superdotação na sala de aula nunca ocorrerá sem impacto, pois o professor não poderá simplesmente continuar com sua aula como de costume, ignorando que entre seus estudantes tem um que não está ouvindo o que ele diz, ou enxergando o que ele escreve no quadro, ou a ele próprio.

Estes estudantes abalarão, com certeza, o suposto “conforto” do professor, com relação a sua prática pedagógica. Esse professor terá que conversar com os familiares da criança, com os demais profissionais que lhe dão atendimento, com o professor do atendimento educacional especial (que pode estar na sua escola ou em outra escola), terá, também, que voltar a estudar, cuidar do seu processo de formação continuada, ou seja, “sair da zona de conforto”; tudo isso para garantir participação e aprendizado a estes estudantes.

Com relação ao imaginário equivocado de que pessoas com determinadas deficiências não são capazes de aprender, é importante lembrar que contamos, hoje, com aportes teóricos e conceituais que comprovam a capacidade de desenvolvimento e aprendizado por parte

das pessoas com deficiência. No campo da psicologia, por exemplo, temos, entre outras, a teoria sociocultural de Vygotsky (1987) que confronta os referenciais organicistas e aponta para a complexidade e singularidade dos processos humanos de desenvolvimento e aprendizagem que acontecem na interação com signos, símbolos culturais e objetos. Um dos pressupostos básicos do pensamento do autor é que o ser humano se constitui, enquanto tal, na relação com o outro (REGO, 1999).

Também nos ensinam, estes pressupostos interacionistas, que todo ser humano é capaz de aprender e, mais que isso, não deixam dúvidas de que os ambientes pedagógicos mais apropriados para o aprendizado desses estudantes é, justamente, os espaços heterogêneos de aprendizagem, ou seja, a sala de aula comum.

Quanto a alegação de que a escola e os professores não estão preparados para receber e ensinar aos estudantes com deficiência, é preciso lembrar que a educação inclusiva é direito assegurado pela constituição brasileira, e em muitos outros dispositivos legais e políticos nacionais e internacionais que preveem educação para todos. Para tanto, é necessário que os sistemas de ensino se estruturam, observando os preceitos legais, inclusive a formação de professores para atuarem em salas de aula inclusivas.

No entanto, é imprescindível questionar a necessidade de a escola reavaliar sua estrutura, práticas pedagógicas, metodologias e avaliações. Há muito tempo que a escola mostra indícios de não conseguir garantir um aprendizado de qualidade para a maioria dos estudantes. No entanto, excluir pessoas com deficiência, TEA ou Altas Habilidades/Superdotação não é a solução para o processo de reforma necessário. Aguardar o momento em que a escola estará "pronta" para receber tais estudantes é adiar infinitamente a educação inclusiva, pois esse momento ideal nunca existirá. Uma escola inclusiva é construída e reconstruída diariamente, através do encontro com as diversas formas de diferenças humanas, que estão em constante movimento. Essa escola é dinâmica, não há um aluno, ensino ou aprendizagem padrão, e não se encaixa em modelos preestabelecidos.



UMA PALAVRA SOBRE SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS

Embora seja importante a compreensão de que o AEE possa ser realizado em outros espaços físicos da própria escola ou mesmo fora da escola, em sistema de parceria com instituições especializadas, a Sala de Recursos Multifuncionais, na mesma escola em que o estudante está matriculado, será sempre o espaço mais apropriado para o desenvolvimento deste atendimento. Isso porque o AEE exige um ambiente dotado de recursos de acessibilidade que esteja, preferencialmente, próximo à sala de aula comum, já que o trabalho dos professores do AEE e da sala de aula precisa se dar de modo colaborativo, para que a complementação/suplementação atinja seu objetivo maior, de romper com as barreiras que dificultam o aprendizado dos estudantes.

Além disso, conforme afirma o documento Manual de Orientação: Programa de Implantação de Sala de Recursos (MEC/SEESP, 2010),

A implantação das Salas de Recursos Multifuncionais nas escolas comuns da rede pública de ensino atende a necessidade histórica da educação brasileira, de promover as condições de acesso, participação e aprendizagem dos alunos público-alvo da educação especial no ensino regular, possibilitando a oferta do atendimento educacional especializado, de forma não substitutiva à escolarização. (MEC, 2010, p. 3).

Deste modo, é fundamental, para o êxito da educação inclusiva que a equipe gestora da escola, juntamente com os professores priorizem, em seu planejamento, a organização da sala de recursos multifuncionais, para a oferta do AEE.

Outra observação importante diz respeito aos recursos de acessibilidade. Muitas vezes os professores e gestores podem pensar, erroneamente, que se tiverem - a priori - uma sala de recursos equipada com um rol de recursos de acessibilidade, estes recursos darão conta de atender à necessidade dos estudantes a quem se destina o AEE. Por exemplo, pensar que determinado recurso seja adequado apenas para estudantes com deficiência visual ou cegueira, e outro recurso seria destinado a alunos com deficiência intelectual, e assim por diante.

Contudo, é importante ressaltar que o atendimento educacional especializado não deve ser iniciado apenas com base em uma lista de recursos. É essencial considerar a necessidade real do estudante, suas habilidades e dificuldades, para proporcionar condições de acessibilidade que favoreçam seu acesso ao conhecimento e facilitem sua participação e aprendizado. O conteúdo do site da empresa “Assistiva. Tecnologia e

Educação⁵” destaca a importância dessa abordagem personalizada no processo educacional.

Frente ao exposto e, com o intuito de dar conhecimento sobre alguns recursos de acessibilidade que podem auxiliar o estudante, ao longo de seu processo de escolarização, socializamos, em anexo, a título de ilustração, uma relação de produtos de Tecnologia Assistiva, com respectiva função e uso pedagógico.

⁵ BERSCH, Rita. **Tecnologia Assistiva e processo de avaliação Recursos Pedagógicos Acessíveis**. 2023. Disponível em: https://www.assistiva.com.br/Tecnologia_Assistiva_Processo_Avalia%c3%a7%c3%a3o_MAI02023.pdf. Acesso em: 02 jul. 2023.



DIRETRIZES DO SESI

**PARA A IMPLEMENTAÇÃO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA
DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA, TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA E/OU ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO**

A Educação Básica, em todas as suas modalidades, é direito fundamental, incondicional, inalienável e indisponível, constitucionalmente garantido para todas as pessoas, sem nenhum tipo de discriminação. Portanto, segregar e excluir pessoas do contexto escolar configura crime. Em consonância aos marcos legais e políticos e aos princípios conceituais, filosóficos e epistemológicos da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, o

SESI RECOMENDA:

- 1. Que todas as escolas da rede SESI assegurem condições para acesso, participação e permanência, com êxito, aos estudantes público-alvo da Educação Especial,** em consonância aos dispositivos legais e políticos da educação especial na perspectiva da educação inclusiva.
- 2. Que a transversalidade da educação especial seja garantida em todos os níveis, etapas e modalidades de ensino, desde a educação infantil até a educação superior.** Esta recomendação considera que a educação especial é uma modalidade de ensino que perpassa todos os níveis, etapas e modalidades, realiza o atendimento educacional especializado, disponibiliza os recursos e serviços e orienta quanto a sua utilização no processo de ensino e aprendizagem.
- 3. Que o AEE cumpra a sua função de complementar e/ou suplementar a escolarização e jamais seja confundido com aulas de reforço escolar ou mera repetição dos conteúdos programáticos desenvolvidos na sala de aula comum tão pouco atendimento clínico.** Esse atendimento deve se constituir em um conjunto de procedimentos e recursos específicos mediadores do processo de apropriação e produção de conhecimentos.
- 4. Que a oferta obrigatória do AEE seja realizada por profissionais com conhecimentos específicos para este tipo de atendimento.** Para atuar na educação especial, o professor do AEE deve ter como base da sua formação, inicial e continuada, conhecimentos gerais para o exercício da docência e conhecimentos específicos da área. Essa formação possibilita a sua atuação no atendimento educacional especializado, aprofunda o caráter interativo e interdisciplinar da atuação nas salas comuns do ensino regular, nas salas de recursos, nos centros de atendimento educacional especializado, nos núcleos de acessibilidade das instituições de educação superior, nas classes hospitalares e nos ambientes domiciliares, para a oferta dos serviços e recursos de educação especial. São exemplos de atividades a serem desenvolvidas no AEE: ensino da Língua

Brasileira de Sinais, ensino da Língua Portuguesa na modalidade escrita como segunda língua, ensino do sistema Braille, do Soroban, da orientação e mobilidade, das atividades de vida autônoma, da comunicação alternativa, do desenvolvimento dos processos mentais superiores, dos programas de enriquecimento curricular, da adequação e produção de materiais didáticos e pedagógicos, da utilização de recursos ópticos e não ópticos, da Tecnologia Assistiva, entre outros.

5. Que o AEE seja ofertado no turno oposto à escolarização e que, em hipótese alguma, este atendimento seja substitutivo à escolarização na sala de aula comum regular.

O atendimento educacional especializado tem como função identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos estudantes, considerando suas necessidades específicas. As atividades desenvolvidas no atendimento educacional especializado diferenciam-se daquelas realizadas na sala de aula comum, não sendo substitutivas à escolarização.

6. Que a oferta do AEE, na Sala de Recursos Multifuncionais se restrinja - exclusivamente - aos estudantes público-alvo da Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva:

estudantes com deficiência, Transtornos do Espectro Autista (TEA) e Altas Habilidades/Superdotação. No caso de estudantes com Dislexia, Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), ou outros transtornos, de ordem genética e hereditária, que impliquem em atendimento especializado, a educação especial pode atuar na interface, com profissionais externos.

7. Que o professor do AEE atue de forma articulada e colaborativa com o professor da sala de aula comum.

Este profissional – o professor do AEE - deve colaborar com o docente da classe comum para a definição de práticas pedagógicas que favoreçam o acesso do aluno com deficiência, Transtorno do Espectro Autista (TEA) e/ou Altas Habilidades/Superdotação, ao currículo, e a sua interação no grupo; promover as condições de inclusão desses estudantes em todas as atividades da escola; orientar as famílias para a sua participação no processo educacional dos seus filhos; informar a comunidade escolar acerca da legislação e normas educacionais vigentes que asseguram a inclusão educacional; preparar material específico para o uso dos estudantes nas salas de recursos; orientar o uso de equipamentos e materiais específicos e de outros recursos existentes na família e na comunidade escolar; articular com gestores para que o projeto pedagógico da instituição de ensino se organize coletivamente numa perspectiva inclusiva.

8. Que para o desenvolvimento das ações necessárias ao êxito da educação inclusiva as escolas busquem a

intersectorialidade com a saúde, o trabalho, a assistência social e construam redes de parcerias com as famílias e a comunidade. As redes de apoio à inclusão e as ações intersectoriais devem representar um esforço conjugado para remover as barreiras atitudinais, pedagógicas, nos transportes, nas comunicações, que dificultam a participação e aprendizado.

9. Que o planejamento das ações para a educação inclusiva esteja contemplado nos documentos regimentais das escolas e que exista destinação de recursos financeiros para o desenvolvimento das ações inclusivas. Colocar em prática os pressupostos legais e políticos da educação especial na perspectiva inclusiva implica pensar/planejar orçamento para o atendimento educacional especializado, o desenvolvimento de práticas educacionais inclusivas em sala de aula, a formação dos professores e demais profissionais da escola, a acessibilidade em seu amplo espectro (física, pedagógica, curricular, nas comunicações, no transporte).

10. Que os gestores das escolas da rede SESI, juntamente com toda a comunidade escolar desenvolvam indicadores de boas práticas inclusivas nas escolas e que estes indicadores sejam continuamente monitorados e avaliados, com vistas à criação e fortalecimento de uma cultura educacional inclusiva nas escolas. São exemplos de indicadores importantes para o monitoramento da implementação exitosa da educação inclusiva: evolução das matrículas dos estudantes público-alvo da PNEEPEI na sala de aula comum e no atendimento educacional especializado; destinação de recursos, por parte da gestão, para os serviços da educação especial na perspectiva inclusiva, implementação da sala de recursos multifuncionais para oferta do atendimento educacional especializado, parceria com a família e comunidade escolar para o desenvolvimento de ações inclusivas, oferta de atendimento educacional especializado no contra turno da escolarização, entre outros.

Pensamos que a consideração a estas diretrizes assegura, em grande medida, o cumprimento do objetivo da Política de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, que é assegurar a inclusão escolar de estudantes público-alvo da PNEEPEI, orientando os sistemas de ensino para garantir: “[...] acesso ao ensino regular, com participação, aprendizagem e continuidade nos níveis mais elevados do ensino; transversalidade da modalidade de Educação Especial desde a Educação infantil até a Educação Superior; oferta do AEE; formação de professores para o AEE e demais profissionais da Educação para a inclusão; participação da família e da comunidade; acessibilidade arquitetônica, nos transportes, nos mobiliários, nas comunicações e informação; e

articulação intersetorial na implementação das políticas públicas” (BRASIL, 2008, p. 8).

REFERÊNCIAS

ALVES, Denise de Oliveira *et al.* **Sala de recursos multifuncionais:** espaços para atendimento educacional especializado. Brasília: Ministério da Educação, 2006. 36

BATISTA, Cristina Abranches Mota. **Inclusão escolar:** equívocos e insistência. Uma história de reis, príncipes, monstros, castelos, cachorros, leões, meninos e meninas. Doutorado em Ciências Sociais. Universidade São Paulo. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. (PUC –SP), São Paulo (SP), 2012.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Brasília. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 08 jan. 2023.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** Brasília, MEC/SEEDSP, 2008. Disponível em: http://peei.mec.gov.br/arquivos/politica_nacional_educacao_especial.pdf >. Acesso em: 23 jan. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Marcos político legais da educação especial na perspectiva da educação inclusiva.** Brasília: Secretaria de Educação Especial, 2010.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Estatuto da Pessoa com Deficiência. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 01 ago. 2023.

BRASIL. **Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.** Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L10098.htm. Acesso em: 01 ago. 2023.

BUNGE, M. **Dicionário de Filosofia.** São Paulo: Perspectivas, 2002. (Coleção Big Bang).

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *et al.* **A educação especial na perspectiva escolar:** a escola comum inclusiva. Ceará: Universidade Federal do Ceará, 2010.

MANTOAN, Maria Teresa Egler. **Inclusão escolar**: o que é? Por quê? Como se faz? São Paulo: [s.n.], 2003.

MORIN, E. **Os sete saberes para a educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2013.

SARTORETTO, Mara Lúcia; BERSCH, Rita. **Tecnologia Assistiva**. Disponível em: <https://www.assistiva.com.br/index.html>. Acesso em: 21 fev. 2023.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco Javier. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas do entendimento humano. Campinas: Editora Psy II, 1995.

ONU. **Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência**. Nova Iorque, EUA: ONU, 2006.

REGO, T. C. **Vygotsky**: uma perspectiva Histórico-Cultural da Educação. Rio de Janeiro, Vozes, 1999.

ROGERS, Carl R. **Um jeito de ser**. São Paulo: EPU, 1980.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

GLOSSÁRIO¹

<i>Acessibilidade</i>	Condição para utilização, com segurança e autonomia, total ou assistida, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos serviços de transporte e dos dispositivos, sistemas e meios de comunicação e informação, por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida.
<i>Atendimento Educacional Especializado (AEE)</i>	O AEE tem como função identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos estudantes, considerando suas necessidades específicas. As atividades desenvolvidas no AEE diferenciam-se daquelas realizadas na sala de aula comum, não sendo substitutivas à escolarização. Esse atendimento complementa e/ou suplementa a formação dos estudantes com vistas à autonomia e independência na escola e fora dela.
<i>Barreira</i>	Qualquer entrave ou obstáculo que limite ou impeça o acesso, a liberdade de movimento, a circulação com segurança e a possibilidade de as pessoas se comunicarem ou terem acesso à informação. As barreiras são classificadas em: a) urbanísticas: as existentes nas vias públicas e nos espaços de uso público; b) barreiras nas edificações: as existentes no entorno e interior das edificações de uso público e coletivo; c) nos transportes: as existentes nos serviços de transportes; e d) nas comunicações e informações: qualquer entrave ou obstáculo que dificulte ou impossibilite a expressão ou o recebimento de mensagens por intermédio dos dispositivos, meios ou sistemas de comunicação.
	A educação especial é uma modalidade de ensino que perpassa todos os níveis, etapas e

¹ Para a elaboração deste glossário foram utilizadas as seguintes fontes: 1. BRASIL. Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. 2. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 20 dez; 3. BRASIL. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília, MEC/SEEDSP, 2008. Disponível em: http://peei.mec.gov.br/arquivos/politica_nacional_educacao_especial.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2023, e 4. Site da Empresa Assistiva. Tecnologia e informação. <https://www.assistiva.com.br/tassistiva.html>

Educação Especial	modalidades, realiza o atendimento educacional especializado, disponibiliza os recursos e serviços e orienta quanto a sua utilização no processo de ensino e aprendizagem nas turmas comuns do ensino regular. Na perspectiva da educação inclusiva, a educação especial deixa de se configurar como um sistema paralelo, passando a integrar a proposta pedagógica da escola comum.
Educação Inclusiva	A educação inclusiva constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, que avança em relação à ideia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola
Pessoas com Altas Habilidades/Superdotação	São aquelas pessoas que demonstram potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes, além de apresentar grande criatividade, envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse.
Pessoas com Deficiência	São aquelas que tem impedimentos de longo prazo, de natureza física, mental ou sensorial que, em interação com diversas barreiras, podem ter restringida sua participação plena e efetiva na escola e na sociedade.
Pessoas com Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD)	São aquelas pessoas que apresentam alterações qualitativas das interações sociais recíprocas e na comunicação, um repertório de interesses e atividades restrito, estereotipado e repetitivo. Incluem-se nesse grupo estudantes com autismo, síndromes do espectro do autismo e psicose infantil. A partir de maio de 2019 a terminologia correta passou a ser Transtorno do Espectro Autista (TEA), como resultado 11ª revisão da CID, lançada pela ONU.
Prática Docente	A terminologia diz respeito ao trabalho empreendido pelo professor, com o objetivo de “ensinar”. Envolve desde ações de planejamento, quanto de execução da aula (ensino) e avaliação do seu trabalho. Morin(2013) conceitua prática docente como sendo [...]ações intencionais e planejadas que pretendem

	oportunizar meios para que os sujeitos reconstruam o conhecimento pertinente.
<i>Sala de Recursos Multifuncionais</i>	São espaços da escola onde se realiza o atendimento educacional especializado aos estudantes público-alvo da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva: Pessoas com Deficiência, Transtornos do Espectro Autista e/ou Altas habilidades/Superdotação.
<i>Tecnologia Assistiva</i>	Tecnologia Assistiva é o termo usado para identificar todo o portfólio de Recursos e Serviços que contribuem para proporcionar ou ampliar habilidades funcionais de pessoas com deficiência e consequentemente promover Vida Independente e Inclusão. É também definida como "uma ampla gama de equipamentos, serviços, estratégias e práticas concebidas e aplicadas para minorar os problemas encontrados pelos indivíduos com deficiências" (Cook e Hussey · Assistive Technologies: Principles and Practices · Mosby – Year Book, Inc., 1995). Site da empresa Assistiva. Tecnologia e informação. https://www.assistiva.com.br/tassistiva.html .

ANEXO A - RELAÇÃO DE PRODUTOS DE TECNOLOGIA ASSISTIVA DISPONÍVEIS NO LABORATÓRIO DE TA DA ASSISTIVA


RECURSOS DE ACESSIBILIDADE AO COMPUTADOR


Recursos para acesso direto: Permite que o usuário introduza de forma autônoma comandos em seu computador: direcionamento do cursor, o clique e a digitação. São mouses e teclados diferenciados que são ativados a partir de diferentes habilidades do usuário: mover mão, braço, cabeça, boca, pé, olhos, som, voz.

Alternativas para adequação do teclado

Para digitar com autonomia, alguns usuários necessitarão utilizar teclados com formatos diferenciados (ampliados ou reduzidos); outros necessitarão integrar acessórios ao teclado (colmeia de acrílico, adesivos para melhor visualização de caracteres); outros ainda, se beneficiarão de órteses para digitação (órteses de mão, ponteiras de boca ou cabeça). Em alguns casos, será necessária uma simples modificação das taxas de respostas do teclado convencional (Painel de controle - Central de facilidades de acesso). Estes ajustes permitem, por exemplo, que uma letra não seja digitada repetidamente mesmo se usuário mantiver seu dedo pressionado à tecla. Funções que exigem o pressionamento simultâneo de mais de uma tecla também poderão ser realizadas por quem digita uma tecla de cada vez.

ALTERNATIVAS AO TECLADO


PRODUTO	DESCRIÇÃO	A QUEM SERVE	USO PEDAGÓGICO
<p>Teclado Intellikeys</p> 	<p>Teclado expandido com letras grandes e pretas em fundo amarelo. Possui 6 diferentes lâminas que alteram a área de trabalho (teclado, mouse e calculadora). Possui uma lâmina para configuração do teclado.</p>	<p>Pessoas com baixa visão. Pessoas com deficiência física (programável na taxa de resposta o que viabiliza o ajuste do teclado à condição motora do usuário).</p>	<p>Viabiliza a produção de escrita, auxilia no processo de alfabetização. Permite a pesquisa e exploração de ambientes virtuais.</p>
<p>Teclado expandido - TIX</p>	<p>Recurso de grande acessibilidade que oferece as funções de teclado e mouse. Possui onze teclas sensíveis ao toque, que podem ser acionadas diretamente pelo toque ou por meio</p>	<p>Pessoas com dificuldades motoras, que apresentam dificuldade com teclado convencional.</p>	<p>Viabiliza a produção de escrita e acesso a ambientes virtuais. Pode auxiliar no processo de alfabetização.</p>

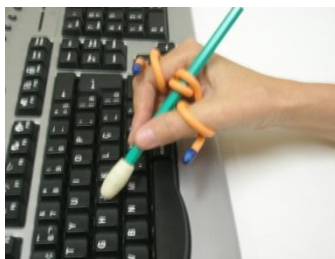


	de varredura com acionadores.		
---	-------------------------------	--	--


PRODUTO	DESCRIÇÃO	A QUEM SERVE	USO PEDAGÓGICO
Teclado com Colmeia – TClick Padrão 	Conjunto composto de uma colmeia de acrílico transparente incolor em chapa de 3 mm com furos de 16 mm coincidentes às teclas, e um teclado para computador.	Evita erros de digitação em caso de tremores e falta de coordenação motora.	Viabiliza a produção de escrita e acesso a ambientes virtuais.
Teclado expandido – TClick Expand 	Teclado com teclas grandes e coloridas que facilitam a rápida localização e digitação dos caracteres. As cores definem diferentes categorias de teclas como vogais, consoantes, números, pontuação e comandos pelo teclado. Com colmeia de acrílico transparente	Crianças pequenas; pessoas com dificuldades motoras, visuais e/ou cognitivas.	Viabiliza a produção de escrita e acesso a ambientes virtuais. Pode auxiliar no processo de alfabetização.
Teclado expandido – TClick Contrast 	Teclado expandido com teclas grandes amarelas e caracteres pretos que proporciona alto contraste (fundo amarelo e fonte preta). Com colmeia de acrílico transparente.	Crianças pequenas; pessoas com dificuldades motoras, visuais e/ou cognitivas.	Viabiliza a produção de escrita e acesso a ambientes virtuais. Pode auxiliar no processo de alfabetização.

ACESSÓRIOS PARA FACILITAR A DIGITAÇÃO E OUTRAS FUNÇÕES


PRODUTO	DESCRIÇÃO	A QUEM SERVE	USO PEDAGÓGICO
Digitador – Expansão	Engrossador utilizado para facilitar a preensão palmar. Possui duas	Pessoas que não conseguem dissociar um dedo	Viabiliza a produção de escrita e acesso a

	<p>pontas onde poderão ser conectados vários acessórios. Na foto visualiza-se uma ponteira de ventosa.</p>	<p>para digitar e podem fazer a preensão de um tubo de espuma com ponta de borracha ou ventosa.</p>	<p>ambientes virtuais.</p>
---	--	---	----------------------------

PRODUTO	DESCRIÇÃO	A QUEM SERVE	USO PEDAGÓGICO
<p>Aranha Mola – Expansão</p> 	<p>Órtese feita de arame revestido. Envolve dedo indicador, o polegar e fixa um utensílio como caneta ou lápis. A digitação com o lápis é possível colocando-se uma ponteira de borracha na ponta que toca a tecla.</p>	<p>Pessoas que não conseguem dissociar um dedo para digitar e podem se beneficiar da aranha mola como suporte ao lápis.</p>	<p>Viabiliza a produção de escrita e acesso a ambientes virtuais.</p>
<p>Facilitador de Punho e Polegar – Expansão TFF4</p> 	<p>Órtese que posiciona o punho em extensão e envolve o dedo polegar. Possui uma ponta plástica que poderá ser utilizada para teclar</p>	<p>Para quem não consegue dissociar um dedo para digitar e podem se beneficiar de uma órtese que facilita o posicionamento e apresenta uma ponta para conectar acessórios.</p>	<p>Viabiliza a produção de escrita e acesso a ambientes virtuais.</p>
<p>Facilitador Palmar Dorsal – Expansão TFF2</p> 	<p>Órtese feita de arame revestido de borracha, espuma e tecido. Envolve a palma e o dorso da mão. Possui uma ponta plástica que poderá ser utilizada para teclar. Nela é possível conectar acessórios.</p>	<p>Para quem não consegue dissociar um dedo para digitar e podem se beneficiar de uma órtese que se fixa à mão. Utilizada com diversos acessórios para favorecer funções de escrita, higiene, alimentação, entre outros.</p>	<p>Viabiliza a produção de escrita e acesso a ambientes virtuais.</p>

<p>Acessórios para órteses funcionais – Expansão</p> 	<p>Variedades de acessórios que, conectados às órteses funcionais, facilitarão o desempenho de atividades.</p>	<p>Usuários com dificuldade de segurar utensílios para o desempenho de atividades como alimentação, pentear, barbear, escrever, folhar, escovar dentes, etc.</p>	<p>Favorece o desempenho em atividades como escrita, pintura, pareamento e tarefas de higiene e alimentação.</p>
---	--	--	--


PRODUTO	DESCRIÇÃO	A QUEM SERVE	USO PEDAGÓGICO
<p>Posicionador de Dedos com Velcro – Expansão TFP 13</p>  	<p>Base de apoio fixada com fita de velcro. Previne deformidades, mantém o dedo em posição de extensão.</p>	<p>Pessoas que não conseguem dissociar um dedo para digitar e podem se beneficiar de um suporte para extensão do dedo.</p>	
<p>Ponteira de boca – Expansão</p> 	<p>Ponteira de boca para digitação</p>	<p>Pessoas que não conseguem utilizar as mãos para digitar e possuem preservados os movimentos de boca e cabeça.</p>	<p>Viabiliza a produção de escrita e acesso a ambientes virtuais.</p>
<p>Tamanduá – Expansão TD1</p> 	<p>Sistema de fixação Mento-Occipital, com hastes telescópicas. A haste de acionamento pode ser utilizada via testa ou via queixo.</p>	<p>Pessoas que não conseguem utilizar as mãos para digitar e possuem preservados os movimentos de cabeça.</p>	





<p>Pulseira de Peso – Expansão OF3</p> 	<p>Pulseira de peso revestida de tecido e fixada com velcro para fixação em antebraço.</p>	<p>Usuários com movimentação involuntária na parte inferior do braço.</p>	
---	--	---	--


ALTERNATIVAS AO MOUSE - DISPOSITIVOS APONTADORES

Algumas pessoas com deficiência física que utilizam alternativas de mouses diferenciados poderão necessitar ajustes e personalização da velocidade de deslocamento do cursor. Isto é possível ser feito em “propriedades do mouse” no “painel de controle” do seu computador.

PRODUTO	DESCRIÇÃO	A QUEM SERVE	USO PEDAGÓGICO
<p>Mouse Big Ball – Terra</p> 	<p>Mouse estacionário óptico de esfera grande (trackball). Com cinco botões correspondentes às funções do clique. Exige menor necessidade de controle motor fino por parte do usuário e maior conforto e precisão nos movimentos. Possui 2 entradas para acionadores externos.</p>	<p>Pessoas com dificuldades de usar mouse convencional, mas que possua o movimento controlado de mão ou pé e habilidade para pressionar seus botões.</p>	
<p>Mouse N-Abler – Físico</p> 	<p>Mouse estacionário óptico de esfera grande (trackball). Com cinco botões correspondentes às funções do clique. Possui 2 entradas para acionadores externos.</p>	<p>Pessoas com dificuldades de usar mouse convencional, mas que possua o movimento controlado de mão ou pé e habilidade para pressionar seus botões.</p>	<p>Possibilita o uso do computador com todas as funções que ele oferece.</p>
<p>Mouse Joystick – Pretorian</p> 	<p>Mouse estacionário de alavanca móvel com ponteiras intercambiáveis de diferentes formatos: Bola, T (letra T) e manopla. Botões para clique esquerdo, direito, arrasta e duplo clique. Possui 2 entradas para acionadores externos.</p>	<p>Usuário com deficiência física com habilidade de segurar e direcionar uma alavanca móvel.</p>	

<p>Mouse TrackBall – Pretorian</p> 	<p>Mouse de esfera grande em sua parte superior. Possui botões individualizados para clique esquerdo e direito do mouse e para a função arrastar. Com opção de plug para acionadores externos.</p>	<p>Pessoas com deficiência física que possuem dificuldades em utilizar o mouse convencional.</p>	
---	--	--	--

PRODUTO	DESCRIÇÃO	A QUEM SERVE	USO PEDAGÓGICO
<p>Mouse por Toque Orbitrack – Pretorian</p> 	<p>Possui uma superfície sensível ao toque onde às funções do mouse são ativadas pelo deslocamento de um dedo sobre ela. Apresenta 2 entradas para acionadores externos.</p>	<p>Útil para usuários com movimentação limitada nas mãos, punhos e antebraço. Para utilizá-lo basta o toque suave e deslizamento de um dedo sobre o anel de controle, sensível ao toque.</p>	<p>Possibilita o uso do computador com todas as funções que ele oferece.</p>
<p>Mouse por varredura Track-It - Pretorian</p> 	<p>Interface com sistema de varredura que permite controlar o computador com o clique de um acionador seguindo a informação luminosa. Apresenta entrada para quatro acionadores.</p>	<p>Pessoas com deficiência motora e que não conseguem utilizar mouse convencional. Exige habilidade de ativação pelo acionador através da função de varredura. Entradas para 4 acionadores para escolha direta da função do acionador.</p>	<p>Permite acessar o computador pré-selecionando tipo de comando e depois ativando o clique.</p>
<p>RollerMouse – Terra</p> 	<p>Mouse com roletes para deslocamento horizontal e vertical do cursor. Apresenta 5 botões com diferentes funções de cliques.</p>	<p>Pessoas com deficiência física que possuem dificuldades em utilizar o mouse convencional. Boa opção para controlar o mouse com a mão ou com os pés.</p>	<p>Possibilita o uso do computador com todas as funções que ele oferece.</p>
<p>Monitores com tela de toque de 15, 17 ou 24 polegadas</p> 	<p>Monitores de 15 a 24 polegadas com tela sensível ao toque. Interface intuitiva controlada pelo dedo</p>	<p>Crianças pequenas, pessoas com limitações físicas ou cognitivas que possuem dificuldade</p>	

	do usuário ou por uma ponteira emborrachada.	de utilizar o mouse convencional.	
<p>Integramouse – LifeTool</p> 	<p>Mouse controlado pelo movimento dos lábios.</p> <p>Toques dos lábios em um bocal promoverá o deslocamento do cursor para a posição desejada.</p> <p>As funções do clique, duplo clique e clique direito são definidos para o sopro ou sucção.</p>	<p>Pessoas que apresentam limitações de movimentos em membros superiores que impedem a utilização de mouse e teclados convencionais.</p> <p>Necessita habilidades de movimentos e vedação dos lábios para sopro e sucção.</p>	


Recursos para acesso indireto: Recursos que permitem que o usuário realize de forma autônoma e indireta comando em seu computador. Para isto o usuário utiliza-se de softwares especiais que possuem sistemas de varredura automática, como, por exemplo, os teclados e mouses virtuais ou programas nos quais poderemos programar/propor varreduras em áreas específicas.


Varredura: A varredura é um sistema que identifica automaticamente e em velocidade programável as áreas que poderão ser ativadas e que são visíveis na tela do computador.

O sinal de seleção da varredura poderá ser visual (moldura colorida, linha colorida, cursor móvel, etc.). A varredura poderá ser também auditiva (sinal de voz indica que área/tecla está sendo selecionada para escolha, ou não, de ativação por parte do usuário).

Ativação indireta: O usuário ativará uma chave de comando (acionador) no momento em que a área ou tecla que deseja escolher estiver selecionada por meio do sistema de varredura.

ACIONADORES

PRODUTO	DESCRIÇÃO	A QUEM SERVE	USO PEDAGÓGICO
<p>Acionador de pressão OVNIClik – Klik</p> 	<p>Acionador de pressão com excelente design e alta sensibilidade.</p> <p>Fabricado em plástico ABS inquebrável.</p> <p>Conectado ao PlugMouse a pressão na sua tampa gerará</p>	<p>Pessoas com deficiência motora com dificuldade no uso do mouse convencional</p> <p>Deverá ser posicionado próximo a qualquer parte</p>	<p>Utilizado com programas que possuam função de varredura (escaneamento), teclados virtuais, pranchas de comunicação aumentativa e alternativa ou</p>


	o clique equivalente ao pressionamento da tecla direita do mouse. Disponível no diâmetro de 6,5 cm e nas cores branco, azul, amarelo, verde e vermelho.	do corpo com habilidade de pressionar o botão. Permite ativação de brinquedos adaptados a pilha.	livros virtuais construídos em softwares de apresentação. Também indicados para uso com brinquedos a pilha adaptados na percepção de causa efeito.
<p>Acionador de pressão Smoothie – Pretorian</p> 	Acionador de pressão durável e resistente. Design diferenciado com pequena inclinação na tampa do dispositivo para facilitar o toque.		Permite a utilização do computador e produção de escrita em teclados virtuais com varredura.

PRODUTO	DESCRIÇÃO	A QUEM SERVE	USO PEDAGÓGICO
<p>ACIONADOR MICRO LIGHT</p> 	Acionador pequeno e extremamente sensível ao toque. (Força de ativação: 10 gramas) Possui furo rosqueado na parte inferior para fixação em suportes.	Pessoas com deficiência motora e que não conseguem utilizar mouse convencional e farão uso de acionador.	Permite a utilização do computador e produção de escrita em teclados virtuais com varredura.
<p>Acionador de proximidade Candy Corn – AbleNet</p> 	Acionador altamente sensível, não requer toque físico do usuário para ser ativado. Basta aproximar a mão ou dedo a uma distância de apenas 1 cm de sua tampa para ativá-lo. Produz retorno visual e auditivo (bip). Cabo com plugue padrão P2 para conexão em mouse adaptado	Pessoas com deficiência motora e que não conseguem utilizar mouse convencional e farão uso de acionador	Permite a utilização do computador e produção de escrita em teclados virtuais com varredura.
<p>Acionador de tração PuxeClik – Clik</p>	Acionador que funciona por meio de um cadarço que é puxado pelo usuário para produzir o	Pessoas com deficiência motora e que não conseguem	Permite a utilização do computador e produção de escrita em teclados virtuais com varredura.


	<p>contato elétrico. O usuário pode tê-lo amarrado ao dedo, pé, punho ou onde for indicado. Com uma pequena força (menos de 30 gramas) é possível ligar / desligar o que estiver conectado a ele. É fixado com Velcro autoadesivo que acompanha o produto.</p>	<p>utilizar mouse convencional e farão uso de acionador de tração.</p>	
<p>Mouse adaptado PlugMouse – Clik</p>  <p>http://www.clik.com.br/</p>	<p>Mouse padrão (óptico) com uma ou duas adaptações (entrada tipo minijaqueta) para acionadores. Simula o clique da tecla esquerda do mouse, permitindo comandar programas de computador que possuam função de varredura (escaneamento). Acionadores comercializados separadamente.</p>	<p>Pessoas com deficiência motora e que não conseguem utilizar mouse convencional. Exige habilidade de ativar 1 ou 2 acionadores (clique esquerdo e direito do mouse). Utilizado com sistema de varredura.</p>	<p>Permite utilizar o acionador para acesso ao computador e produção de escrita em teclados virtuais com varredura.</p>






VOCALIZADORES



Recursos que emitem voz gravada ou sintetizada. São portáteis e complementam a habilidades comunicativas de pessoas com limites ou impedimentos de comunicação oral.

PRODUTO	DESCRIÇÃO	A QUEM SERVE	USO PEDAGÓGICO
	<p>Tablet Windows com software Mind Express com síntese de voz e grande conteúdo de pranchas robustas instaladas para uma comunicação eficaz.</p>	<p>Pessoas com limitação ou impedimento da comunicação oral, que poderão comunicar mensagens que serão faladas a partir do toque sobre áreas graváveis onde estão símbolos gráficos representativos da mensagem.</p>	<p>O tablet com o software Mind Express disponibiliza sistemas robustos de comunicação por voz e acesso a atividades pedagógicas acessíveis. Os demais vocalizadores, com pranchas temáticas, permitem fazer perguntas, esclarecer dúvidas, expressar sentimentos e necessidades, responder avaliações, escolher</p>
<p>GoTalk 4+</p>	<p>Vocalizador com 6 áreas de mensagens aparentes. Possibilidade de armazenamento de 5 pranchas de</p>		

	<p>comunicação pré-gravadas. Vocabulário total de 22 mensagens gravadas.</p>		<p>atividades, participar de apresentações e teatro etc.</p>
<p>GoTalk 9+</p> 	<p>Vocalizador com 12 áreas de mensagens aparentes. Possibilidade de armazenamento de 5 pranchas de comunicação pré-gravadas. Vocabulário total de 48 mensagens gravadas.</p>		
<p>GoTalk 20+</p> 	<p>Vocalizador com 25 áreas de mensagens aparentes e armazenamento de 5 pranchas de comunicação pré-gravadas. Vocabulário total de 105 mensagens gravadas.</p>		
<p>GoTalk 32</p> 	<p>Vocalizador com 32 áreas de mensagens aparentes. Possibilidade de armazenamento de 5 pranchas de comunicação pré-gravadas. Vocabulário total de 163 mensagens gravadas.</p>		

PRODUTO	DESCRIÇÃO	A QUEM SERVE	USO PEDAGÓGICO
<p>Smooth Talker – Pretorian</p> 	<p>Ferramenta de saída de voz com um único botão grande de Play. Uma tampa transparente removível encaixa-se sobre o botão Play e dispõe de uma abertura no topo para inserir lâminas ou figuras</p>	<p>Pessoas com limitação ou impedimento da comunicação oral, que poderão comunicar através de mensagens gravadas pressionando áreas de símbolos graváveis.</p>	<p>Pode ser utilizado em apresentações de trabalhos, falas sequenciais de páginas de um livro, participação em peças de teatros, leituras de versos e cantigas em estrofes etc. Permite chamar atenção e solicitar apoio. Pode ser associado a cartões de comunicação ou objetos</p>


<p>Big Button com níveis - Attainment</p> 	<p>Ferramenta de saída de voz com um único botão grande de Play. Uma tampa transparente removível encaixa-se sobre o botão Play e dispõe de uma abertura no topo para inserir lâminas ou figuras</p>		<p>para emitir a fala da mensagem. Pode ser utilizado em apresentações de trabalhos, falas sequenciais de páginas de um livro, participação em peças de teatros, leituras de versos e cantigas em estrofes etc.</p>
<p>Big Step-by-Step com ou sem níveis – Ablenet</p> 	<p>Vocalizador que grava uma única. Utilizado para chamar a atenção de outros, cumprimentar, manifestar uma necessidade, etc. Inclui quatro opções de cores cambiáveis.</p>		
<p>Little Step-by-Step com ou sem níveis – Ablenet</p> 	<p>Vocalizador que grava até oito mensagens sequenciais. Utilizado para gravar as sequências da página de um livro, falas de um atuação em teatro, partes de uma canção etc.</p>		
<p>Vocalizador iTalk2 com ou sem níveis – Ablenet</p> 	<p>Vocalizador com botões aparentes para duas mensagens. Há opção de possuir diferentes níveis de gravação.</p>	<p>Pessoas com limitação ou impedimento da comunicação oral, que poderão comunicar mensagens pressionando áreas de símbolos graváveis.</p>	<p>Permite a seleção de resposta entre duas opções: “SIM” ou “NÃO”, “Falso” ou “Verdadeiro”, “Isto” ou “Aquilo” etc.</p>
<p>Vocalizador Lingo</p> 	<p>Vocalizador compacto com 6 botões de gravação de mensagens. Possui acessório para fixação no cinto.</p>	<p>Pessoas com limitação ou impedimento da comunicação oral, que poderão comunicar mensagens pressionando áreas de símbolos graváveis.</p>	<p>Permite fazer perguntas, esclarecer dúvidas, expressar sentimentos e necessidades, responder avaliações, escolher atividades, participar de apresentações e teatro etc.</p>
<p>PRODUTO</p>	<p>DESCRIÇÃO</p>	<p>A QUEM SERVE</p>	<p>USO PEDAGÓGICO</p>

<p>Talking Photo Álbum – Attainment</p> 	<p>Vocalizador simples e prático que permite associar uma gravação de até 10 segundos em cada uma das 24 páginas destinadas a fotos, figuras ou símbolos. Aceita fotos no padrão 10 x 15 cm.</p>	<p>Pessoas com limitação da expressão oral, pessoas com deficiência intelectual e outras que possam se beneficiar.</p>	<p>Permite comunicar com voz gravada fatos, eventos e mensagens contidas nas fotografias, figuras e/ou símbolos gráficos</p>
<p>Botões GoTalk – Attainment</p> 	<p>Vocalizador que grava uma única mensagem de até 10 segundos. Utilizado para chamar a atenção de outros, cumprimentar, manifestar uma necessidade, etc</p>	<p>Pessoas com limitação ou impedimento da comunicação oral e que poderão comunicar mensagens pressionando botão de mensagem.</p>	<p>Permite chamar atenção e solicitar apoio. Pode ser associado a cartões de comunicação ou objetos para emitir a fala da mensagem.</p>

MOBILIDADE, ADEQUAÇÃO POSTURAL E MOBILIÁRIO

A postura alinhada, confortável e estável será fundamental para possibilitar a interação do estudante com o meio, com os objetos e com as pessoas.

PRODUTO	DESCRIÇÃO	A QUEM SERVE
<p>Mesa adaptada MEC – Expansão</p> 	<p>Estrutura com regulagem de altura e com regulagem para ângulo de inclinação do tampo. Os rebordos, na região anterior do tampo, evitam o deslizamento de pequenos materiais, e são macios assim como o revestimento. Tampo com recorte em U, nas medidas de 60 x 60 cm ou 70 x 70 cm. Ângulo de inclinação de 7° multilateral.</p>	<p>Ampla gama de usuários incluindo pessoas com deficiência física, pessoas de vários tamanhos, usuários de cadeira de rodas, etc.</p>
<p>Mesa Ergonômica – Expansão</p>	<p>Mesa ergonômica com regulagem de inclinação e altura. Dobrável. Permite a sua utilização em pé, sentado ou em cadeira de rodas. Confecção: Madeira compensada, forrada com</p>	

	<p>fórmica e EVA, estrutura em aço carbono niquelado. Altura de 70 a 120 cm – tampo da mesa com tamanho de 70 x 70 cm.</p>	
---	--	--

PRODUTO	DESCRIÇÃO	A QUEM SERVE
<p>Conjunto escolar postural – Expansão</p> 	<p>Conjunto de mesa MEC com cadeira postural. Apresenta recursos de adequação postural com assento anatômico, cintos para posicionamento e fixação da pelve; cinto H para o tronco; apoios laterais curvos de tronco (ajustáveis milimetricamente); apoio de cabeça curvo e apoio de pé ajustável na altura.</p>	<p>Pessoas com deficiência física que necessitam recursos de adequação postural para o sentar.</p>
<p>Cantinho Dinâmico – Expansão</p> 	<p>Recurso para posicionamento e estabilização na postura sentada no chão.</p>	<p>Crianças com insuficiente controle de tronco e que não conseguem manter a postura sentada no chão. Favorece a interação com colegas nas brincadeiras.</p>
<p>Colar estrutural – Expansão</p> 	<p>Colar para apoio de mento-occipital para a cabeça. Útil para posicionar e estabilizar a cabeça em atividades de aprendizagem. Confecção: espuma, EVA, tecido, toalha e lycra.</p>	<p>Crianças com controle de cabeça insuficiente e/ou que apresentam dificuldade de visualmente o ambiente (sala de aula, monitor do computador).</p>
<p>Colete de comunicação ColeClik – Clik</p> 	<p>Colete de tecido destinado a atividades pedagógicas lúdicas, contação de histórias e de comunicação alternativa. Os cartões de figuras e outros objetos são fixados durante a atividade com velcro.</p>	<p>Parceiros e usuários da Comunicação Aumentativa e Alternativa que estão aprendendo e introduzindo os símbolos gráficos como forma de comunicação.</p>

Pranchas robustas construídas e impressas com o Mind Express			podem ser personalizadas para atender as necessidades específicas de cada usuário.
---	--	--	---

Sites de comunicação alternativa com recursos gratuitos:

www.arasaac.org

www.picto4.me/site

Fonte: Assistiva Tecnologia e Educação

http://www.assistiva.com.br/Tecnologia_Assistiva_Processo_Avalia%C3%A7%C3%A3o_MAI02023.pdf

ANEXO B - FORMULÁRIO DE ANAMNESE PARA A MATRÍCULA/REMATRICULA

FORMULÁRIO DE ANAMNESE PARA MATRÍCULA E REMATRÍCULA

1. Registro Inicial

Data/Hora	
Quem trouxe o(a) aluno(a)	
Frequência do Atendimento	

2. Identificação do(a) Aluno(a)

Nome	
Idade	
Sexo	
Data de nascimento	
Local de nascimento	
Cidade	
Telefone	
Escolaridade	
Período Escolar	
Nome do(a) professor(a)	
Observações	

3. Dados Familiares/Responsáveis

Nome do pai			
Grau de instrução		Profissão	
Idade		Naturalidade	
Estado civil			
Nome da mãe			
Grau de instrução		Profissão	
Idade		Naturalidade	
Religião dos pais			
Outros filhos			
Observações			

4. Descrição do quadro do(a) aluno(a)

Quadro geral	
Quando foi identificado?	
Está fazendo algum tipo de tratamento médico, psicológico, psiquiátrico ou neurológico?	
Por quê?	
Quem indicou a clínica?	

5. Antecedentes Pessoais da Genitora

Fez alguma transfusão durante a gravidez?	
Levou algum tombo?	
Doenças durante a gestação?	
Condições de saúde da mãe durante a gravidez	
Condições emocionais	

Houve algum episódio marcante durante a gravidez?	
Condições de nascimento	

6. Desenvolvimento do(a) Aluno(a)

SAÚDE

O(a) aluno(a) sofreu algum acidente ou se submeteu a alguma cirurgia?	
Possui reações alérgicas?	
Apresenta problemas de visão?	
E de audição?	
Dor de cabeça?	
Já desmaiou alguma vez? Se sim, quando?	
Como foi?	
Teve ou tem convulsões?	
Há alguém na família que apresenta problemas de desmaios, convulsões, ataques ou doença psiquiátrica?	
Observações	

ALIMENTAÇÃO

O(a) aluno(a) foi amamentado? Se sim, até quando?	
Como é sua alimentação?	
É forçado(a) a se alimentar?	
Come sem derrubar a comida?	

Recebe ajuda na alimentação?	
Observações	
SONO	
O(a) aluno(a) dorme bem?	
Como é o sono? (agitado, tranquilo)	
Fala dormindo?	
É sonâmbulo(a)?	
Range os dentes?	
Dorme em quarto separado dos pais?	
Com quem dorme?	
O(a) aluno(a) acorda e vai para a cama dos pais?	
Observações	
DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR	
Como era como bebê?	
É lento(a) para realizar alguma tarefa?	
Veste-se sozinho(a)?	
Toma banho sozinho(a)?	
Calça-se sozinho(a)?	
Sabe dar nó nos calçados?	
É desastrado(a)?	
Pratica esportes? Se sim, quais?	
Rói unhas?	
Chupa o dedo?	
Tem outra mania ou tic? Qual?	
Precisa de ajuda para fazer alguma coisa?	
Observações:	

7. Escolaridade do(a) aluno(a)

O(a) aluno(a) gosta de ir à escola?	
É bem aceito(a) pelos amigos ou é isolado(a)?	
Já repetiu a série alguma vez? Se sim, por quê?	
Gosta de estudar?	
Tem o hábito de leitura?	
Faz as lições que os professores passam?	
Os pais estudam com o(a) aluno(a)?	
Mudou muitas vezes de escola? Se sim, por quê?	
Vai bem em matemática?	
Tem dificuldade em leitura e escrita?	
É irrequieto(a) na escola? Se sim, em que circunstâncias?	
Quais as principais dificuldades encontradas na escola?	
O que os professores acham dele(a)?	
Observações	

8. Linguagem do(a) aluno(a)

Descreva a comunicação atual	
Observações	

9. Sexualidade

Recebeu alguma educação sexual? Se sim, de quem?	
Como foi?	
Tem curiosidade sexual?	
Os pais conversam sobre sexualidade com o(a) aluno(a)?	
Observações	

10. Aspectos Ambientais

Prefere brincar sozinho(a) ou com amigos?	
Prefere brincar com crianças maiores ou menores que ele(a)?	
Faz amigos com facilidade?	
Adapta-se facilmente ao meio?	
Como é o relacionamento do(a) aluno(a) com os pais?	
E com os irmãos?	
Quais as medidas disciplinares normalmente usadas com o(a) aluno(a)?	
Quem as usa?	
Quais as reações do(a) aluno(a) frente a essas medidas?	
Observações	

11. Características pessoais e afetivo-emocionais

Como é o(a) aluno(a) sob o ponto de vista emocional?	
Dentre as características ao lado, em quais ele(a) se enquadra mais?	Agressiva () Passiva () Dependente () Irrequieta () Medrosa () Retraída () Excitada () Desligada () Outros (): _____
Como reage quando contrariado(a)?	
Atividades preferidas	
Observações	

12. Atividades diárias do(a) Aluno(a)

Descreva a rotina desde quando acorda até a hora de dormir	
Observações	

Nome Completo do(a) Psicólogo(a)/Psicopedagogo(a)

Conselho Regional de Psicologia (CRP): XXXX-XX/XX

Cargo do(a) Psicólogo(a)/Psicopedagogo(a)

ANEXO C – ENTREVISTA PARA ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA (EI, EF1 – 3 A 11 ANOS)

ENTREVISTA ESTUDANTE COM DEFICIÊNCIA

EI e EF1 (3 a 11 anos)

Observações importantes:

Este documento deverá ficar na pasta do aluno, na secretaria da unidade escolar. Após o preenchimento, o(a) Professor(a) responsável e o orientador pedagógico ou psicopedagogo terão esse instrumento como apoio.

A entrevista deve ser realizada e registrada pelo orientador pedagógico ou psicopedagogo, intermediando a melhor coleta de dados possíveis na interação com a família.

Agendar horário para a entrevista em ambiente reservado, preservando o acolhimento dos envolvidos, bem como as informações relatadas.

O documento deve ser preenchido na presença dos profissionais da Unidade Escolar, não se aplicando o envio à família para que o responda e devolva, pois descaracteriza a natureza do acolhimento e a importância da escuta.

1. Identificação

Nome: _____

Data de Nascimento: _____

Composição familiar: _____

Nível de Educação/Ensino: _____

Ano de Escolaridade: _____

Escola: _____

Data da matrícula na Escola S _____

Curso: _____

Turma: _____ Turno: _____

Possui laudo médico? () Sim () Não

Se sim, informar parecer médico:

Autoriza a divulgação do laudo para os professores e equipe pedagógica: () sim () não
Laudo Médico - CID _____

2. Profissionais especialistas de apoio (especialistas externos)

ESPECIALIDADE	NOME CONTATO
Psicopedagogia	
Terapia Ocupacional	
Psicologia	
Fonoaudiologia	
Acomp.Terapêutico (AT)	
Psiquiatria/Neuro	
Outros	

Autoriza o contato com os especialistas de apoio? () Sim () Não

3. Saúde

Como foi a gestação e o desenvolvimento nos primeiros meses/anos?

Nasceu com quantos meses? _____

Quantos kg? _____

Qual tipo de parto? _____

Alguma intercorrência após o parto?

A criança já sofreu algum acidente?

Submeteu-se à alguma cirurgia?

Teve alguma doença? Especifique: _____

Com que idade estava? _____

Já teve convulsões? () sim () não

Obs:

Já teve desmaios? () sim () não

Obs:

Faz ou faz uso de algum remédio de uso diário? () sim () não

Qual?

Possui alergias? _____

Intolerância a algum tipo de alimento?

_____ Qual? _____

Apresenta alguma dificuldade:

() respiratória () visão () audição () locomoção () fala () outros _____

Alguém da família tem alguma questão de saúde, que considere importante relatar?

3.1 Desenvolvimento

Andou com que idade? _____

Possui dificuldade em realizar alguma atividade motora?

Deixou de usar fraldas com que idade? _____

Falou com que idade? _____

Quais são os principais interesses da criança?

que a deixa feliz?

Descreva a personalidade/ temperamento de seu filho(a)?

○

Como reage quando frustrado(a)/contrariado(a)?

Como a criança se comporta mediante às regras e limites?

que pode desorganizar internamente / irritar a criança e/ou causar sensibilidade sensorial (ex. som, roupas, cores, cheiros...)?

3.2 Sono

tranquilo

inquieto

agitado

tem pesadelos frequentes

acorda várias vezes

Qual horário costuma dormir?

Qual horário costuma acordar?

Dorme sozinho ou acompanhado? Com quem?

4. Social

Descreva a rotina diária da criança?

Quais atividades preferidas e hábitos?

Faz amigos facilmente? _____

Gosta de jogos, esportes? Pratica algum?

Como é seu relacionamento com os familiares mais próximos?

Como se comunica (ex. faz se entender, aponta, dispõe de vocabulário, tem intencionalidade...)?

Dentro das rotinas, em relação à alimentação, dispõe de autonomia?

() sim () não

Obs.: _____

Dentro das rotinas, em relação à higiene, dispõe de autonomia?

() sim () não

Obs.: _____

5. Escola

Gosta de vir para escola?

Gosta de realizar as atividades da escola em casa?

Tem horário para realizar as atividades/estudar em casa?

Demonstra alguma dificuldade específica em relação à aprendizagem?

Já contou com o apoio de algum especialista na vida escolar?

O que a família compreende que a criança sabe em relação à alfabetização e ao conhecimento de mundo?

Como a família percebeu o desenvolvimento na escola anterior (se houve)?

Possui autonomia para se organizar no ambiente escolar?

Necessita de auxílio de um profissional em sala?

Observações importantes para a Unidade Escolar considerar no atendimento ao estudante:

Em caso de emergência quais orientações seguir:

Data da Entrevista: ____/____/____.

Assinatura dos Responsáveis

Assinatura da Coordenação e/ou Orientador Pedagógico

Assinatura do Psicopedagogo

ANEXO D – ENTREVISTA PARA ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA (EF2, EM, NEM, EJA)

ENTREVISTA ESTUDANTE COM DEFICIÊNCIA EF2 EM NEM EJA

Este documento deverá ficar na pasta do estudante, na secretaria da unidade escolar. Após o preenchimento, assinatura do estudante ou responsável, orientador pedagógico e/ou psicopedagogo, o Professor responsável terá esse instrumento como apoio.

O documento deverá ser preenchido na presença dos profissionais da Unidade Escolar, não se aplicando o envio ao estudante e/ou sua família para responder e devolva, pois descaracteriza a natureza do acolhimento e a importância da escuta.

1. Identificação

Nome: _____

Data de Nascimento: ____/____/____

Curso: _____

Turma: _____ Turno: _____

2. Informações da família

Com quem reside?

Composição familiar (quem são os membros da família e seus nomes: pai, mãe, irmãos?)

Descrever a relação do estudante com a família:

3. Dados Médicos

Possui laudo médico? () Sim () Não

Se sim, informar parecer médico:

Autoriza a divulgação do laudo para os professores e equipe pedagógica: () sim () não
Laudo Médico - CID

Recebe atendimento de algum profissional especializado?

Fonoaudiólogo () Terapeuta Ocupacional ()

Psicólogo () Psicopedagogo ()

Psiquiatra () Neurologista ()

Outros? _____

Autoriza o contato com os profissionais de apoio? () Sim () Não

Nome e contato do profissional:

Faz uso de medicação? () Sim () Não

Se sim, qual?

Demanda cuidados específicos para a manutenção da sua saúde? ()

Sim Não () Se sim, qual?

Como é o sono do estudante?

Calmo () Agitado () Insônia ()

Utiliza medicação para dormir? () Sim () Não

Se sim, qual?

Existe alguma restrição alimentar (alergia/intolerância/outros) diagnosticada por médico? () Sim () Não

Se sim, qual?

4. Histórico Escolar:

Quais disciplinas/áreas do conhecimento mais lhe interessam e/ou possui maior aprendizagem?

Descreva: _____

Quais disciplinas/áreas de conhecimento não tem interesse ou possui dificuldades?
Descreva: _____

Necessita de auxílio específico em sala?
() Sim Não ()

Se sim, descrever em quais situações:

5. Vida Social:

Em relação ao comportamento, você se considera:

Alegre () Comunicativo () Participativo ()

Desanimado () Dinâmico () Introverso ()

Afetuosos () Obedientes () Resistentes ()

Cooperadores () Pacientes () Inseguros ()

Faz amigos com facilidade? () Sim Não ()

Tem interações sociais fora do ambiente familiar? () Sim Não ()

6. Observações

Observações importantes para a Unidade Escolar considerar no atendimento ao estudante:

Em caso de emergência, quais orientações seguir:

Data da Entrevista: ____/____/____.

Assinatura do Estudante ou Responsável

Assinatura da Coordenação e/ou Orientador Pedagógico

Assinatura do Psicopedagogo

ANEXO E - FORMULÁRIO DE ACOMPANHAMENTO DO ESTUDANTE PÚBLICO-ALVO DA DIRETRIZ

FORMULÁRIO DE ACOMPANHAMENTO DO(A) ESTUDANTE

Educação Infantil - INFORMAÇÕES INICIAIS			
IDENTIFICAÇÃO DO(A) ALUNO(A)			
Nome		Nível	
Filiação		Turma	
Data de nascimento		Turno	
Descrição do laudo			
INFORMAÇÕES SOBRE O DESEMPENHO ESCOLAR DO(A) ALUNO(A)			
Marque um X	COMUNICAÇÃO/AUTONOMIA/DESENVOLVIMENTO MOTOR/LEITURA E ESCRITA/RACIOCÍNIO LÓGICO		
	Descreve situações do cotidiano (roda de conversa, brincadeiras...)		
	Reconhece e compara seres humanos, animais e plantas		
	Utiliza a linguagem oral para se comunicar (com apoio de comunicação alternativa)		
	Brinca em pequenos grupos		
	Prefere brincar sozinho(a)		
	Executa as atividades sozinho(a)		
	Realiza deslocamentos simples (caminha, corre, salta, equilibrar, rola)		
	Realiza movimentos como: galopar, salto horizontal, corrida lateral, quicar, receber, chutar, rebater, arremessar e rolar a bola		
	Rebate uma bola parada		
	Encaixa / empilha objetos		
	Possui domínio do movimento de pinça		
	Identifica e escreve o próprio nome		
	Identifica as letras do alfabeto e utiliza a prática da escrita alfabética		
	Reconhece a relação espaço temporal (semana, dia, hora, minuto)		

	Compreende conceitos matemáticos (menor/maior, dobro, metade...)
	Identifica sequência numérica
	Outros:

Educação Infantil – ABORDAGEM INDIVIDUALIZADA

Plano de estimulação	Exemplo: dinâmica dos estímulos/suporte em sala de aula/ suporte fora de sala/parceria da família – ou seja, estagiário(a) dentro de sala, professor(a) de educação especial, atendimento no AEE, atividades para a família fazer em casa, etc.)
Aspectos prioritários na Abordagem individualizada	Exemplo: coordenação motora, desfralde, entre outros.
Resultados obtidos	Exemplificar ganhos da criança após a abordagem individualizada
Professor do AEE	

1º SEMESTRE

Professores

1º E 2º BIMESTRES

Campos de Experiências	Conteúdo	Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento	Estratégias	Avaliação da aprendizagem
Descrever os campos de experiências	Usar como referência os eixos estruturantes do planejamento	Usar como referência a matriz curricular da Educação Infantil	Descrever recursos utilizados, como por exemplo, jogos, materiais não estruturados, música.	Exemplificar ganhos do aluno(a) com base no seu processo de desenvolvimento (particularidades). Ex.: citar aspectos

	o da turma			relacionados a interação, a brincadeira, autonomia, entre outros com base nas propostas sugeridas. (Obs.: descrever de forma objetiva, pois o detalhamento será especificado na avaliação processual do(a) aluno(a) (portfólio ou Relatório).
2º SEMESTRE				
Professores				
3º E 4º BIMESTRES				
Campos de Experiências	Conteúdo	Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento	Estratégias	Avaliação da aprendizagem
Descrever os campos de experiências	Usar como referência os eixos estruturantes do planejamento da turma	Usar como referência a matriz curricular da Educação Infantil	Descrever recursos utilizados, como por exemplo, jogos, materiais não estruturados, música.	Exemplificar ganhos do(a) aluno(a) com base no seu processo de desenvolvimento (particularidades). Ex.: citar aspectos relacionados a interação, a brincadeira, autonomia, entre outros com base nas propostas

				sugeridas. (Obs.: descrever de forma objetiva, pois o detalhamento será especificado na avaliação processual do(a) aluno(a) (portfólio ou Relatório).
--	--	--	--	---

Ensino Fundamental ao Ensino Médio - INFORMAÇÕES INICIAIS

IDENTIFICAÇÃO DO(A) ALUNO(A)

Nome		Ano/Série	
Filiação		Turma	
Data de nascimento		Turno	
Descrição do laudo			

INFORMAÇÕES SOBRE O DESEMPENHO ESCOLAR DO(A) ALUNO(A)

Já ficou retido(a)?	Sim () Não ()	Se sim, em qual ano/série?	
Marque um X	COMUNICAÇÃO/AUTONOMIA/DESENVOLVIMENTO MOTOR/LEITURA E ESCRITA/RACIOCÍNIO LÓGICO		
	Relata acontecimentos simples de modo compreensível.		
	É verbal (utiliza a fala para comunicar-se).		
	Não verbal (não utiliza a fala para comunicar-se).		
	Necessita de Comunicação Alternativa (prancha de comunicação, cards, imagens).		
	Interage com seus colegas.		
	Interage com os professores.		
	Participa das aulas expressando sua opinião e contribuindo com os temas abordados.		

	Participa das aulas somente quando solicitado pelo professor.
	Prefere não participar das aulas, nem contribuir com sua opinião, mesmo quando solicitado pelo professor.
	Executa as atividades com autonomia.
	Executa as atividades com auxílio parcial.
	Executa as atividades com auxílio total.
	Possui domínio do movimento de pinça.
	Consegue compreender comandos.
	Lê com compreensão pequenos textos (tirinha, poema, parlenda, trava-língua...).
	Escreve pequenos textos.
	Grafia legível.
	Escreve sob ditado (acompanha o que é dito para ser escrito).
	Realiza com autonomia a cópia do conteúdo ministrado no quadro.
	Não realiza a cópia do conteúdo ministrado no quadro.
	Reconhece a relação espaço temporal (ano, mês, semana, dia, hora, minuto).
	Compreende conceitos matemáticos (maior, menor, dobro, metade...).
	Identifica sequência numérica.
	Associa o número a quantidade.
	Realiza cálculos de adição.
	Realiza cálculos de subtração.
	Realiza cálculos de multiplicação.
	Realiza cálculos de divisão.
	Compreende as expressões numéricas, realiza a leitura de gráficos e tabelas.
	Usa o computador com auxílio.
	Usa o computador sem auxílio.
	Outros:

Ensino Fundamental ao Ensino Médio – ABORDAGEM INDIVIDUALIZADA

Plano de estimulação	Exemplo: dinâmica dos estímulos/suporte em sala de aula/ suporte fora de sala/parceria da família – ou seja, estagiário(a) dentro de sala, professor(a) de educação especial, atendimento no AEE, atividades para a família fazer em casa, etc.)
-----------------------------	--

Aspectos prioritários na Abordagem individualizada	Exemplo: coordenação motora, desfralde, entre outros.			
Resultados obtidos	Exemplificar ganhos da criança após a abordagem individualizada			
Professor do AEE				
1º SEMESTRE				
Professores				
1º E 2º BIMESTRES				
Componente Curricular	Conteúdo	Habilidades a serem alcançadas	Metodologias e Estratégias	Avaliação da aprendizagem
Descrever o nome do component e curricular *Novas linhas poderão ser inseridas abaixo.	Usar como referência o plano de curso da turma	Usar como referência o plano de curso da turma	Exemplificar adaptações que serão feitas, como por exemplo: - As atividades e avaliações serão adaptadas com comandos diretos. - Uso de roteiros semanais, com o objetivo de antecipar	Exemplificar ganhos do(a) aluno(a) com base nas habilidades elencadas. Exemplo: - Percebe-se uma evolução na compreensão dos conceitos matemáticos, relacionados aos números decimais, fração, quatro operações com base na realização das atividades e avaliações sugeridas. - Apresentou evolução na

			os conteúdos a serem trabalhados na semana subsequente. - Uso de recursos como vídeos, pequenos textos, jogos, imagens e mapas para auxiliar na aprendizagem	escrita cursiva, com produção de pequenos textos. (Obs.: descrever de forma objetiva, pois os instrumentos de avaliação utilizados pela escola evidenciam a aprendizagem do(a) aluno(a)).
--	--	--	---	---

2º SEMESTRE**Professores****3º E 4º BIMESTRES**

Componente Curricular	Conteúdo	Habilidades a serem alcançadas	Metodologias e Estratégias	Avaliação da aprendizagem
Descrever o nome do componente curricular *Novas linhas poderão ser inseridas abaixo.	Usar como referência o plano de curso da turma	Usar como referência o plano de curso da turma	Exemplificar adaptações que serão feitas, como por exemplo: - As atividades e	Exemplificar ganhos do(a) aluno(a) com base nas habilidades elencadas. Exemplo: -Percebe-se uma pequena evolução na compreensão dos conceitos

			<p>avaliações serão adaptadas com comandos diretos.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Uso de roteiros semanais, com o objetivo de antecipar os conteúdos a serem trabalhados na semana subsequente. - Uso de recursos como vídeos, pequenos textos, jogos, imagens e mapas para auxiliar na aprendizagem 	<p>matemáticos, relacionados aos números decimais, fração, quatro operações com base na realização das atividades e avaliações sugeridas.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Apresentou evolução na escrita cursiva, com produção de pequenos textos. (Obs.: descrever de forma objetiva, pois os instrumentos de avaliação utilizados pela escola evidenciam a aprendizagem do(a) aluno(a)).
--	--	--	---	--

Novo Ensino Médio - INFORMAÇÕES INICIAIS

IDENTIFICAÇÃO DO(A) ALUNO(A)

Nome		Ano/Série	
Filiação		Turma	
Data de nascimento		Turno	
Descrição do laudo			

INFORMAÇÕES SOBRE O DESEMPENHO ESCOLAR DO(A) ALUNO(A)

Já ficou retido(a)?	Sim () Não ()	Se sim, em qual ano/série?	
Marque um X	COMUNICAÇÃO/AUTONOMIA/DESENVOLVIMENTO MOTOR/LEITURA E ESCRITA/RACIOCÍNIO LÓGICO		
	Relata acontecimentos simples de modo compreensível.		
	É verbal (utiliza a fala para comunicar-se).		
	Não verbal (não utiliza a fala para comunicar-se).		
	Necessita de Comunicação Alternativa (prancha de comunicação, cards, imagens).		
	Interage com seus colegas.		
	Interage com os professores.		
	Participa das aulas expressando sua opinião e contribuindo com os temas abordados.		
	Participa das aulas somente quando solicitado pelo professor.		
	Prefere não participar das aulas, nem contribuir com sua opinião, mesmo quando solicitado pelo professor.		
	Executa as atividades com autonomia.		
	Executa as atividades com auxílio parcial.		
	Executa as atividades com auxílio total.		
	Possui domínio do movimento de pinça.		
	Consegue compreender comandos.		
	Lê com compreensão pequenos textos (tirinha, poema, parlenda, trava-língua...).		
	Escreve pequenos textos.		
	Grafia legível.		
	Escreve sob ditado (acompanha o que é dito para ser escrito).		

	Realiza com autonomia a cópia do conteúdo ministrado no quadro.
	Não realiza a cópia do conteúdo ministrado no quadro.
	Reconhece a relação espaço temporal (ano, mês, semana, dia, hora, minuto).
	Compreende conceitos matemáticos (maior, menor, dobro, metade...).
	Identifica sequência numérica.
	Associa o número a quantidade.
	Realiza cálculos de adição.
	Realiza cálculos de subtração.
	Realiza cálculos de multiplicação.
	Realiza cálculos de divisão.
	Compreende as expressões numéricas, realiza a leitura de gráficos e tabelas.
	Usa o computador com auxílio.
	Usa o computador sem auxílio.
	Outros:

Novo Ensino Médio – ABORDAGEM INDIVIDUALIZADA

Plano de estimulação	Exemplo: dinâmica dos estímulos/suporte em sala de aula/ suporte fora de sala/parceria da família – ou seja, estagiário(a) dentro de sala, professor(a) de educação especial, atendimento no AEE, atividades para a família fazer em casa, etc.)
Aspectos prioritários na Abordagem individualizada	Exemplo: coordenação motora, desfralde, entre outros.
Resultados obtidos	Exemplificar ganhos da criança após a abordagem individualizada
Professor do AEE	
1º SEMESTRE	
Professores	
1º E 2º BIMESTRES	

Área do Conhecimento	Conteúdo	Habilidades a serem alcançadas	Estratégias	Avaliação da aprendizagem
<p>Descrever o nome da área de conhecimento</p> <p>*Novas linhas poderão ser inseridas abaixo.</p>	<p>Usar como referência o plano de curso da turma</p>	<p>Usar como referência o plano de curso da turma</p>	<p>Exemplificar adaptações que serão feitas, como por exemplo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - As atividades e avaliações serão adaptadas com comandos diretos. - Uso de roteiros semanais, com o objetivo de antecipar os conteúdos a serem trabalhados na semana seguinte. - Uso de recursos como vídeos, pequenos textos, 	<p>Exemplificar ganhos do(a) aluno(a) com base nas habilidades elencadas.</p> <p>Exemplo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Percebe-se uma evolução na compreensão dos conceitos matemáticos, relacionados aos números decimais, fração, quatro operações com base na realização das atividades e avaliações sugeridas. - Apresentou evolução na escrita cursiva, com produção de pequenos textos. (Obs.: descrever de forma objetiva, pois os instrumentos de avaliação utilizados pela escola evidenciam a aprendizagem do(a) aluno(a)).

			jogos, imagens e mapas para auxiliar na aprendizagem	
2º SEMESTRE				
Professores				
3º E 4º BIMESTRES				
Área do Conhecimento	Conteúdo	Habilidades a serem alcançadas	Estratégias	Avaliação da aprendizagem
<p>Descrever o nome da área de conhecimento</p> <p>*Novas linhas poderão ser inseridas abaixo.</p>	<p>Usar como referência o plano de curso da turma</p>	<p>Usar como referência o plano de curso da turma</p>	<p>Exemplificar adaptações que serão feitas, como por exemplo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - As atividades e avaliações serão adaptadas com comandos diretos. - Uso de roteiros semanais, com o objetivo de antecipar os conteúdos a 	<p>Exemplificar ganhos do(a) aluno(a) com base nas habilidades elencadas.</p> <p>Exemplo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Percebe-se uma evolução na compreensão dos conceitos matemáticos, relacionados aos números decimais, fração, quatro operações com base na realização das atividades e avaliações sugeridas. - Apresentou evolução na escrita cursiva, com produção de pequenos

			<p>serem trabalhados na semana subsequente.</p> <p>- Uso de recursos como vídeos, pequenos textos, jogos, imagens e mapas para auxiliar na aprendizagem</p>	<p>textos. (Obs.: descrever de forma objetiva, pois os instrumentos de avaliação utilizados pela escola evidenciam a aprendizagem do(a) aluno(a)).</p>
--	--	--	---	--

ANEXO F - TERMO DE DESISTÊNCIA DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO- AEE

TERMO DE DESISTÊNCIA DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO- AEE

SENHORES PAIS E/OU RESPONSÁVEIS SOLICITAMOS O PREENCHIMENTO DAS INFORMAÇÕES A SEGUIR, PARA FINS DE REGISTRO DA DESISTÊNCIA DO SERVIÇO DE AEE.

Eu, _____ responsável pelo
estudante

_____,
turma: _____,

turno: _____, dispenso o Atendimento Educacional Especializado na Sala
de Recursos

Multifuncionais neste ano letivo, descrevendo a seguir os motivos que
justificam a dispensa

desse serviço da Educação Especial, mesmo sabendo de sua importância
para o

desenvolvimento acadêmico do estudante público-alvo do AEE:

Cidade - UF, ____/____/____.

ASSINATURA DO RESPONSÁVEL

DIRETORIA DE EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA - DIRET

Rafael Esmeraldo Lucchesi Ramacciotti
Diretor de Educação e Tecnologia

SESI/DN

Robson Braga de Andrade
Diretor

Rafael Esmeraldo Lucchesi Ramacciotti
Diretor-Superintendente

DIRETORIA DE OPERAÇÕES

Paulo Mól Junior
Diretor de Operações

Gerência Executiva de Educação

Wisley João Pereira
Gerente-Executivo de Educação

Gerência do Centro SESI de Formação em Educação

Kátia Aparecida Marangon Barbosa
Gerente do Centro SESI de Formação em Educação

Anny Karolline Sousa Furlan
Annyella Kassia Nogueira
Carolina de Carvalho Rosato Silva
Tatiana Carvalho Motta
Thaís De Luca Cardeal
Equipe Técnica

Gerência da Educação Básica

Leonardo Lapa Pedreira
Gerente de Educação Básica

Ruan Vitorio de Macêdo
Equipe Técnica

DIRETORIA DE COMUNICAÇÃO - DIRCOM

Ana Maria Curado Matta
Diretora de Comunicação

Superintendência de Publicidade e Mídias Sociais

Mariana Caetano Flores Pinto
Superintendente de Publicidade e Mídias Sociais

Fernando Augusto Trivellato
Produção Editorial

DIRETORIA DE SERVIÇOS CORPORATIVOS – DSC

Fernando Augusto Trivellato
Diretor de Serviços Corporativos

Superintendência de Administração - SUPAD

Maurício Vasconcelos de Carvalho
Superintendente Administrativo

Alberto Nemoto Yamaguti

Normalização

Dalmo Araújo dos Santos – DR/BA
Catarina Borges Sabino – DR/CE
Dayana Chaves Ribeiro Damiani – DR/ES
Kelen Guimarães Gouveia – DR/GO
Gardênia Cavalcante Figueira – DR/RR
Luis Felipe Martins Mira – DR/SC
Kelly Bueno – DR/SC
Grupo de Trabalho

Ananda Nieiro Moreira – Consultora de Projetos
André Meirelles Muniz – Consultor de Projetos
Bruna Bezerra de Jesus – Gerente de Projetos
Fillipe de Oliveira Caetano – Consultor de Projetos
Isabela de Alcantara do Nascimento – Gerente de Projetos
Isadora Parras Fernandes Araujo – Gerente de Negócios
Júlia Freitas Fernandes Alves – Gerente de Projetos
Luíza Dias Ferraz – Consultora de Projetos
Maria Clara Rangel Martins – Gerente de Negócios
Paulo Gabriel Alves Marrocos – Gerente de Negócios
Paulo Ricardo Bispo Rosa – Consultor de Projetos
Teodoro Aragão da Rocha – Consultor de Projetos
Consultoria Técnica – AD&M Consultoria Empresarial

Mara Lúcia Sartoretto - Diretora Assistiva Tecnologia e Educação
Rita de Cássia Reckziegel Bersch - Diretora Assistiva Tecnologia e Educação
Consultoria Técnica – ASSISTIVA · Tecnologia e Educação Sociedade Simples Ltda

Denise de Oliveira Alves
Especialistas

Tiago C. Martins
Revisão Ortográfica



Serviço Social da Indústria

PELO FUTURO DO TRABALHO